

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Jornalismo

BDSM Brasil

Histórias fetichistas reais

Autor: Luiz Fernando Schmidt

Florianópolis 2022

Para todos os fetichistas,
sem vocês a vida seria mais chata

SUMÁRIO

Prefácio	4
UM NÓ PARA COMEÇAR	14
A ROSA DO BECO	26
ESCRAVO, CONTA ATÉ CINCO	38
A MASMORRA DO DOM	52
HOMENS DE COURO	65
A BUNDA QUE ESPIRRA SANGUE	73

Prefácio

Indícios históricos apontam que fetiches eróticos e sexuais são tão antigos quanto a civilização humana. O famoso livro *Kama Sutra*¹, inclusive, tem um pequeno capítulo dedicado ao ato de bater eroticamente no parceiro e quais sons gerados pelo impacto estimulam os chakras e aprimoram o desempenho sexual. É como uma das minhas fontes me disse: “Todo mundo tem fetiche, desde sempre”.

O BDSM (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo) surge como um movimento cultural e, atualmente, funciona como uma sigla guarda-chuva, ao englobar fetiches, fantasias e ‘desejos perversos’ das pessoas ao redor do mundo. O surgimento da sigla remete a uma história ampla que cruza a Europa e os Estados Unidos. Um dos primeiros marcos é o surgimento da revista *London Life Magazine*, em 1920, com conteúdo considerado fetichista para a época. Na década de 1940, também na Inglaterra, surge a *Bizarre Magazine*², criada por John Willie, e com conteúdo fetichista mais evidente no estilo Pin Up, com mulheres de espartilho, couro, seios de fora, portando chicotes e também amarradas. O final da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1945, também representou papel importante ao cunhar a atual percepção estética das pessoas sobre o BDSM.

Nos Estados Unidos, com a volta dos soldados, surgem grupos de motoqueiros gays em busca de um espaço onde estabelecer raízes. Tais motoqueiros adotam o couro como sua vestimenta e iniciam uma revolução no meio fetichista, criando a *Leather Culture* - a comunidade

¹ Antigo texto da literatura sânscrita, escrito por Vatsyayana, que viveu por volta do século V na Índia. Ao contrário do que se comumente acredita, o *Kama Sutra* não é um manual do sexo e, sim, um livro sobre amor e comportamento sexual humano. (VATSYAYANA, 2011).

² Ambas as revistas não apresentaram longa duração ou tiveram grandes tiragens. A *Bizarre Magazine* foi publicada de forma irregular por cerca de 10 anos (MORROCHI, 1994).

do couro tem seu berço ao lado do BDSM, mas gostar de couro não é necessariamente algo fetichista. Ao se vestirem com couro e percorrerem as estradas dos Estados Unidos, os homens gays começaram a criar espaços onde pudessem se expressar eroticamente através de práticas sadomasoquistas, com muita chicotada na bunda e gritos de dor e prazer. A partir daí, inúmeros bares com temática fetichista começam a surgir no país e aos poucos se espalham pela Europa.

Fetichismo todo mundo tem, mas o BDSM se populariza através de um movimento LGBTQIA+³ na década de 1940, a partir de uma necessidade: a busca incessante por quebrar paradigmas e dialogar com a sociedade sobre múltiplas formas de sentir prazer, ter orgasmos, fazer sexo, ou simplesmente, foder. Apesar do livro *120 dias de Sodoma*, do autor Marquês de Sade (1785), atualmente considerado patrimônio cultural francês, ser a base para o termo “sadismo”, atribuído a quem sente prazer em infligir dor física ou emocional a outrem; e do termo masoquismo derivar do nome do autor austríaco Leopold von Sacher-Masoch, ambas as nomenclaturas, por muito tempo, não foram bem vistas na sociedade. Tal paradigma só aos poucos foi sendo desconstruído com a ampliação da comunidade e aceitação de novos adeptos. O livro *História de Ó* (1954), de Pauline Réage, pseudônimo da escritora e jornalista francesa Anne Cécile Desclos⁴, um clássico da literatura erótica, e a consequente movimentação de figuras feministas importantes como a da antropóloga cultural norte-americana Gayle Rubin trazem as mulheres lésbicas para o movimento. Se dentro do

³ A escassa literatura sobre o BDSM não define um momento de criação do termo, pois movimentos fetichistas se diferem ao redor do mundo. Porém, o movimento de homens gays, praticantes de S/M é um dos principais pontos de convergência na popularização da sigla.

⁴ O livro narra a jornada de uma mulher que se torna escrava sexual de seu amante. No jogo de dominação, a personagem encontra sua libertação sexual. Atualmente considerada um clássico, a obra foi amplamente criticada na época. (RÉAGE, 2019).

imaginário social, a partir de representações midiáticas, o universo do BDSM se constrói de forma imagética a partir da figura do homem dominador e da mulher submissa, ambos tão héteros quanto se pode ser, a história real do movimento, na verdade, é bem o oposto disso.

Atualmente, o BDSM está de certa maneira bem inserido na sociedade e em todas as esferas de identidades sexuais. Mas, apesar de ter utilizado a palavra ‘desconstruído’ logo acima, o universo dos fetiches eróticos em busca de outras formas de expressar prazer ainda enfrenta múltiplos estigmas. Qualquer coisa que ultrapasse um bom tapa na bunda, uma algema, ou uma venda, é visto como algo doentio.

E se eu disser a você que aqui você vai ler sobre agulhas sendo enfiadas na pele, sobre roupas de couro sendo usadas para restringir movimentos, sobre chutes no saco sendo desejados e negociados e sobre alguém se extasiar ao apanhar com um ralador de queijo, você aceitaria isso como normal? Colocaria essas práticas no mesmo patamar fetichista de outras produções midiáticas mais brandas, como os *50 tons de cinza*⁵, a trilogia de livros da escritora britânica E. L. James? A resposta para tais perguntas é sim. Sim. Sim, tudo que será apresentado nas páginas deste livro é inteiramente, completamente e eroticamente normal.

A existência de um fetiche não deve ser associada à parafilia - o termo indica a existência de um transtorno sexual; na realidade, há formas saudáveis e não saudáveis de expressar desejos e fantasias. Isso pode ser explicado através da famosa sigla SSC (São, Seguro e Consensual). Se os 10 mandamentos são a primeira regra católica, o SSC é a “ave maria” dos fetichistas. Criada em 1983 e creditada a David Stein, ativista gay norte-americano, a sigla SSC apareceu pela primeira

⁵ Além de receber uma adaptação para as telas do cinema, os livros da autora superaram a marca de 100 milhões de unidades vendidas, segundo a editora Vintage Books. (GLOBO, 2014)

vez num dos relatórios do GMSMA (Gay Male SM Activist), com o objetivo de explicitar o acordo entre as partes envolvidas e evitar a interpretação negativa das práticas fetichistas, perante olhos alheios.

Com o avanço do entendimento de profissionais da área da saúde sobre o assunto, a Classificação Internacional de Doenças⁶ (CID-11), removeu, em 2018, termos como “fetichismo” e “BDSM” do segmento de transtorno e desvios sexuais, criando uma seção para incluir na definição de parafilia qualquer prática erótica coercitiva, ou seja, realizada sem o consentimento de ambas as partes. Ainda assim, a CID-11 prevê que danos em atos sexuais consentidos seja algo passível de ser categorizado como um “transtorno parafílico”. E aqui mora outro estigma a ser levado em consideração: enquanto o SSC define o fetiche como são, seguro e consensual, a regra não estabelece limite algum para esses termos, logo, sua interpretação de segurança depende do acordo entre as partes.

Talvez seja complicado entender como algo capaz de causar machucados possa ser considerado normal, mas esse entendimento não importa; o que realmente vale é a liberdade em permitir a adultos o livre arbítrio de consentirem o que quiserem com e a seus corpos. As críticas mais pesadas para essa interpretação do CID-11 caminham no seguinte sentido: eu posso me atirar de uma montanha a cerca de 80 km/h, em uma pequena bicicleta, correndo o risco de sofrer uma lesão grave ou até morrer, e chamar essa prática de esporte? Por que posso competir, ser aplaudido e ganhar medalhas? Agora, consentir que alguém chicoteie a bunda, até arrancar gotículas de sangue, daí já é demais? Em ambos os casos, existem riscos físicos e emocionais que precisam ser assumidos e levados em consideração. A diferença é que

⁶ A CID-11 foi adotada oficialmente na Assembleia Mundial da Saúde em 2019. O Brasil segue as recomendações do livro. (OMS 2021)

somente em um dos casos o indivíduo tem a liberdade de colocar sua integridade em risco sem ser considerado um doente mental.

Isso não é uma crítica ao esporte, pelo contrário. Isso é um reconhecimento sobre a liberdade que todo indivíduo merece ter, inclusive os fetichistas. Óbvio, nada disso apaga o fato de muitos fetiches envolverem, sim, determinados riscos a quem os vivencia. E uma experiência positiva pode se tornar negativa, ou abusiva, se executada de forma errada. Para evitar problemas, a comunidade funciona como um organismo vivo a estudar a melhor forma de evitar possíveis problemas e garantir que o fetichismo em questão não descambe em atos criminosos.

Por isso, é importante ter a noção de que as histórias fetichistas contadas aqui são atos consensuais entre adultos conscientes. Além disso, este livro, *BDSM Brasil: histórias fetichistas reais*, em nenhum momento se passa por um livro didático. Você não vai aprender sobre o BDSM e sair praticando, esse não é o objetivo. Aqui você vai conhecer histórias de pessoas explorando prazeres de forma livre. Portanto, nada do que está disposto nas próximas páginas, em sua grande maioria de forma anônima pelas várias fontes consultadas, é algo passível de ser reproduzido. Se a curiosidade começar a eriçar os pelos do braço - e tudo bem se isso acontecer, o livro funciona como uma introdução ao tema e nunca como um guia prático. É preciso ter consciência e maturidade, a fim de se evitar os riscos inerentes ao BDSM.

Por se tratar de um tema vasto, afinal existem inúmeros e diferentes fetiches, desejos, fantasias e formas de satisfazê-los, este livro apenas arranha a ponta do iceberg, trazendo à tona só uma ínfima parte da imensidão de expressões eróticas tão emocionantes e interessantes quanto as que tive oportunidade de conhecer.

De uma coisa, porém, posso afirmar com certeza: ser amarrado com cordas pode ser confortável, mas tomar uma chicotada na bunda dói. O impacto do chicote estalando nas ancas - para sofrimento de quem recebe e deleite de quem dá o golpe, leva o corpo e a mente ao limite. E, em parte, são tais sensações que os fetichistas buscam, seja para gozar, satisfazer uma necessidade ou se expressar artisticamente. A ciência até aponta a dor e o prazer como dois lados de uma mesma moeda, e se você parar para observar seus parceiros, há gente que, ao atingir o orgasmo, reproduz estranhas caretas de dor.

Além do prazer, permitir ao corpo experimentar tais sensações representa uma busca por autoconhecimento, na intenção de delinear os desejos do corpo, sussurrados, escondidos pelo inconsciente. Por isso, o termo “identidade na prática”⁷, é algo utilizado para definir o fetichista e seu desejo como: algo que faz e isso faz parte dele; nesse escopo, o ato representa um fragmento do indivíduo e sua expressão traz ganhos positivos. Nesse mesmo sentido, o filósofo, psicólogo e escritor francês, Michel Foucault, autor do livro *História da sexualidade* e nome importante em discussões sobre prazeres sexuais e gênero, aponta que a identidade serve para estabelecer novas relações entre as pessoas, e deve ser implementada como um facilitador de relações sociais, de amizade e de prazer sexual⁸. Ele também aponta o BDSM como um movimento na busca da criação real de novas possibilidades de prazer. Num ato de erotizar outras partes do corpo, situações e possibilidades consideradas incomuns⁹.

⁷ O termo identidade na prática apoia a noção de como os fetichistas interpretam seus desejos como uma forma a mais de sentir prazer (CARLSTRÖM, 2018).

⁸ Para Foucault, a identidade não é algo escrito em pedra, mas sim um conceito sujeito a transformação dentro do indivíduo. Ele, inclusive, apontava sua vontade em não ser sempre o mesmo. (DUARTE, 2014)

⁹ Segundo o autor, os fetiches provam a capacidade em derivar prazer de situações fora do prazer sexual penetrativo heterossexual habitual (FOUCAULT, 2004).

Aqui é importante um pequeno adendo sobre: afinal, o que é esse tal fetiche, que todo mundo tem? A ideia do fetiche provém da atração aumentada por algum objeto; leia-se objeto não apenas no sentido literal da palavra, mas também no figurado. Como a fantasia, em si, parte de algo irreal, no plano da imaginação virtual, a atração pelo 'objeto' se constrói não apenas em objetos físicos e materializados diante dos olhos, como o couro, látex, chicotes, coleiras, pés, axilas, o cuspe ou o mijo. Esse objeto de atração exagerada também pode se configurar no desejo por alguma sensação, como a dor, na interpretação de um papel, de submissão, dominação, de um cachorro, gato ou até mesmo um elfo. A construção de uma cena, como se fosse um filme, dirigida pelos desejos eróticos da mente, também constitui esse pervertido objeto figurado.

Se pegarmos uma axila como ponto de partida - e aqui vou tomar a liberdade de usar a imaginação -, temos um objeto incomum, mas a ele infinitos significados diferentes podem ser atribuídos. O interesse pode ser pelo suor, pelo mau cheiro, pela limpeza do local; quem sabe o interesse é em causar repulsa no outro ao se masturbar e gozar no sovaco. Já o sádico pode derivar satisfação ao ver a língua tocar a pele das axilas que não são lavadas há dias, enquanto o masoquista se deleita com o gosto azedo, inundando a boca. A relação com o objeto é, de certa forma, infinita e particular. Agora, o que define se tal interação é saudável é a forma como ocorre. Como deixado claro anteriormente, ela não pode ser coercitiva. Profissionais da área da saúde apontam que a relação saudável com o fetiche ocorre quando ela não obstrui a obtenção de satisfação por outras formas; não se torna uma mania, um

vício¹⁰. Em um contexto saudável, o fetiche se comporta de forma bem similar à proposta por Foucault, como um pilar na construção de outros prazeres, em um jogo entre adultos, onde todos conseguem separar a fantasia da realidade.

Talvez seja por isso que usar apelidos ou Personas seja tão comum no meio. Além de servir como forma de manter a privacidade - algo extremamente necessário na maior parte das vezes -, a Persona criada pelo fetichista funciona como sua identidade na hora de colocar a fantasia em movimento. A ideia da Persona foi proposta pelo psicanalista suíço Carl Gustav Jung¹¹, criador da psicologia analítica, que emprestou o termo do teatro, e aponta que toda pessoa, na realidade, é composta por múltiplas personalidades, uma para cada situação diferente, e todas se somam e compõem a unidade física e mental do indivíduo. Dessa forma, segundo ele, podemos na mesma pessoa ter a mulher, a mãe, a empresária, a atleta e a cadela submissa ou a dominatrix sádica. São as diversas partes de um pequeno quebra-cabeça a compor a existência, todas igualmente importantes.

Dessa ideia também deriva a opção, neste livro, de se preservar o anonimato das fontes, de maneira que a narrativa abrace as suas diferentes Personas e apresente o universo do BDSM sob as cores e os nomes dados pelos próprios participantes. Assim, ao invés de um nome inventado, como: Laura Almeida, você vai conhecer a Persona Bia Violet; ao invés de Joaquim Alguma Coisa, você vai conhecer Dom Barbudo; ao invés de personagens fictícios, você vai conhecer fragmentos de pessoas reais. Estudos recentes da área da psiquiatria e psicologia apontam a ausência de uma prevalência de distúrbios

¹⁰ Em entrevista, o psicólogo Yuri Secches Ghelfi (CRP: 12/12872) aponta o fetiche como um outro caminho para a expressão da identidade e obtenção de prazer. Desde que não represente a totalidade do indivíduo e impeça o seu funcionamento, não deve ser considerado patológico.

¹¹ Uma das primeiras proposições de Jung foi a de que a psique é constituída de muitas partes, sendo um agregado de subpersonalidades. (STEIN, 2006)

mentais entre praticantes de BDSM em relação às demais pessoas¹². Ou seja: fetichista ou não, qualquer pessoa pode apresentar algum transtorno psíquico - eu vou ao psicólogo, se você não vai, me desculpe, recomendo começar a ir. Com isso, é preciso eliminar do nosso dicionário de 'definições sem embasamento' a ideia geral de que um fetiche está associado a um trauma, enquanto que, na verdade, fetiches apresentam formações distintas e, inclusive, muitas vezes desligadas de contextos eróticos.

Fetiche todo mundo tem, desde sempre. Mas ter um fetiche não necessariamente torna alguém um fetichista. Buscar e realizar desejos eróticos é algo inerente à jornada humana. Já o fetichista assume sua posição como alguém dentro de um círculo social, onde pessoas de interesses semelhantes interagem em comunidade. Se todo mundo tem, então o autor com certeza também está incluído neste 'todo mundo'. É verdade, mas ainda assim este livro não inclui qualquer tipo de experiência própria de forma ativa ou passiva: toda a apuração das práticas e vivências foi viabilizada por meio de observação, com autorização dos praticantes.

A palavra "tênué" suscita a imagem de algo difícil de enxergar, prefiro então dizer que há uma linha fina, porém bem clara, a respeito da ética jornalística seguida durante a construção de uma obra como esta. Garantir a segurança, privacidade e anonimato das fontes é um exemplo disso, outro é, ao ser acolhido pelos participantes dessa comunidade, também buscar acolher e compreender as suas respectivas visões de mundo. Adotar a postura de observador não extingue minha existência - afinal, não consigo ficar invisível, mas coloca a presença do jornalista para além do círculo central dos

¹² Pesquisas apontam que os fetiches em si são formações 'recreacionais' não patológicas (WISMEIJER, 2013), mesmo que alguns praticantes associem suas preferências a experiências traumáticas. Ainda assim, o importante é como tal desejo será explorado (CARLSTROM, 2018).

acontecimentos, algo necessário para falar de fetiches da forma como precisam ser falados.

UM NÓ PARA COMEÇAR

O processo de fabricação de cordas é basicamente o mesmo há 10 mil anos. Claro, a manufatura foi aprimorada após o desenvolvimento de maquinários específicos. O importante é que a construção de uma corda envolve alguns processos bem simples: primeiro, é preciso de uma certa quantidade de fios de alguma fibra, como, por exemplo, a juta. Unindo os fios é necessário formar um cordão, também chamado de perna da corda, para determinar a espessura desejada. Após isso, basta trançar três cordões, com os mesmos movimentos aplicados ao amarrar o cabelo, criando uma tensão progressiva.

Primeiro você torce uma parte por cima. Depois a outra e, depois, outra. O processo se repete até os fios estarem completamente trançados. Por último, os fiapos da corda são queimados com alguma chama, rapidamente para não danificar o produto, e o material tratado com algum óleo natural. A intenção é deixar a corda macia, agradável ao toque na hora de amarrar... alguém.

- Quanto mais você usa uma corda de juta, mais gostosa ela fica de usar - comenta Jon das Cordas, em frente aos alunos que praticavam as primeiras amarrações, sentados em cima de tapetes de exercício físico gastos de tanto uso.

É nesse momento que a cabeça dá um nó, afinal, qual o objetivo de ter uma corda macia para amarrar alguém? Não faz muito sentido, ou faz? Para desatar esse nó é preciso conhecer o Bondage, da sigla BDSM (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo), e também fazer uma viagem ao outro lado do mundo.

As práticas fetichistas englobadas pelo termo Bondage envolvem a restrição de sentidos e movimentos; algemas, amarras, mordanças, vendas e cordas são alguns dos produtos mais comuns usados durante a prática. A ideia é criar um estado alterado de consciência, potencializando outras sensações. No espectro das possibilidades do Bondage, os japoneses são considerados os mestres das cordas. É na Terra do Sol Nascente, onde a técnica de amarração com cordas chamada de Shibari ou Kinbaku foi aprimorada e conquistou fetichistas ao redor do mundo.

No Brasil não é diferente, pois o Shibari é difundido de norte a sul e a cada ano ganha mais adeptos, oriundos da curiosidade e dos questionamentos sobre quais prazeres uma corda pode proporcionar.

- Você se sente abraçado - foi a resposta mais comum que ouvi, após questionar as sensações causadas pelas amarras.

Mais uma vez, a cabeça dá outro nó. Como pode uma corda, restringindo os movimentos, causar sensação de conforto, igual a que sentimos em um abraço? Antes mesmo de desatar o primeiro nó, um novo surge e talvez surjam outros, até chegar o momento de soltar todos de uma única vez. Curiosamente, a teoria mais aceita sobre os primórdios do Shibari envolve a necessidade da restrição de prisioneiros com amarras e nós, pois o Japão, durante o período de Edo (de 1603 a 1868), não conhecia a existência de algemas. As técnicas de amarrações derivam da arte chamada de Hojojutsu e ganharam popularidade em representações teatrais. Uma delas, intitulada *Nisshin Senso - Youchi no Katak-tan* (*Primeira guerra sino-japonesa*, em tradução, um conto sobre o ataque noturno do inimigo), mostrava diversas enfermeiras japonesas sendo torturadas e humilhadas com as cordas. A peça impactou profundamente um jovem de nome Ito Seiu, pintor que dedicou a vida a estudar as práticas e é considerado o pai do

Kinbaku moderno. O autor Shin Nawakari¹³ ressalta que existem diferenças estéticas entre as práticas fetichistas japonesas e ocidentais. Termos como BDSM, sadismo e masoquismo foram introduzidos no país na década de 1950, e muito dos fetiches nipônicos envolvem conceitos de tortura e humilhação; “beleza no sofrimento”, segundo o autor. Aqui surge outro nó na cabeça - o terceiro, igual à quantidade de cordões para trançar uma corda. Como pôde uma prática fetichista tão distinta se popularizar de forma expressiva ao redor do mundo?

Aqui podemos introduzir apropriadamente Jonatan Nicolau Lopes, formado em matemática, 38 anos, mais conhecido como Jon das Cordas. Transitando entre as capitais Florianópolis e Porto Alegre, no sul do Brasil, ele gosta de ensinar as pessoas a perderem o medo das cordas. É na escola de arte Desterro, situada no bairro da Agrônômica, na cidade de Florianópolis, durante um final de semana nublado de outubro, que Jon reuniu um grupo de oito pessoas para conhecer o Shibari, ou melhor, conhecer as cordas, como ele prefere dizer.

- A gente tem que conhecer a história, ter respeito e estabelecer diálogo - comentou Jon das Cordas - mas tento aproximar a pessoa usando termos que ela conhece para que a gente transforme a nossa realidade e não tente copiar.

O *rigger* - quem amarra - trabalha majoritariamente como produtor de cordas e também ministra cursos sobre a prática. Ele não sabe, mas no dia em que o conheci cheguei cedo na escola de arte e o esperei por mais de uma hora do lado de fora. Quando chegou, me cumprimentou e me convidou a entrar. Estava com uma camiseta vermelha, calça branca e, saindo por dentro do tênis, um par de meias verdes. Jon

¹³: O livro *Essence of Shibari: Kinbaku e Japanese Rope Bondage* (não disponível em português), escrito por Shin Nawakari, contextualiza o uso das cordas dentro da sociedade japonesa. Por exemplo, Kimonos não possuem botões, e são mantidos presos por amarrações específicas. (NAWAKARI, 2017)

também carregava uma mala de viagem rosa, bem velha e puída, provavelmente com muitos anos de uso. A peculiar imagem colorida que pintava é um reflexo de sua personalidade carismática. Careca, com um cavanhaque ligeiramente grisalho e voz volumosa, esbanjou simpatia falando bastante, enquanto esperávamos o restante dos alunos chegar.

A escola de arte Desterro foi escolhida como local para o curso 'Perdendo o medo das cordas'. Parcialmente escondida em uma viela, é difícil encontrá-la à primeira vista. O lugar, por outro lado, não tem nada de discreto, sendo uma construção ampla, de dois andares, com um pequeno pátio na frente, repleta de instrumentos musicais por todo canto, inclusive debaixo da escada. Cruzar a viela e entrar pela pequena porta, é como entrar em outro mundo.

Mundo este que, na realidade, é apenas um espaço de realização de movimentos artísticos, envolvendo música e dança que também se mantém aberto o suficiente para permitir o estudo do Shibari, ou apenas a amarração com cordas. Nos fundos fica o estúdio de dança, onde ocorreu o curso, de cerca de 10 m², com um banheiro e uma barra de *ballet* em frente à uma janela, por onde um peculiar *cheiro verdinho* inundou as narinas, suscitou uma troca de olhares, aquele sorriso de canto de boca e depois se dissipou como quem não quer nada.

Aos poucos os alunos chegaram, tímidos e sem falar muito. Eles ficaram distribuídos em semicírculo, três duplas femininas, uma dupla composta por mulher e homem, além de Jon e sua modelo - fiquei sentado no chão, contra a parede, ajeitando a bunda de um lado para outro, tentando acalmar a lombar durante as longas horas de curso.

Jon das Cordas abre sua mala de viagem rosa, onde guarda os materiais, pega cinco jogos de cordas, um tablet e uma longa tesoura. De pernas cruzadas, rosto sorridente, ele inicia as apresentações:

- Olá, eu sou o Jonatan, mas vocês me conhecem como Jon. Podem me chamar de Jon. Bem-vindos ao workshop 'Perdendo o medo das cordas' - fala alto enquanto liga o tablet e afofa as cordas posicionadas à sua frente - Primeiro vamos fazer uma coisa que ninguém gosta, uma rodada de apresentação.

Em sentido horário todos se apresentaram; alguns falaram pouco, outros bastante. Comentaram sobre o que faziam, onde estudavam ou trabalhavam, orientação sexual, status de relacionamento solteiro, casado, monogâmico, não monogâmico. Uma série de informações foi 'jogada na roda' - eu também acabei me apresentando. Por último, cada um falou do seu interesse pelas cordas, ou no Shibari propriamente dito.

Alguns nutriam curiosidade em conhecer o Shibari há bastante tempo, outros haviam descoberto pouco tempo atrás e estavam ali quase que por pura sorte. O desejo em aprender algo novo, experimentar uma nova posição e começar a praticar, no entanto, foi compartilhado por todos.

- Amarrar é um jogo - Jon comentou várias vezes durante aquela tarde -, um jogo entre quem amarra e quem é amarrado. É pra ser divertido.

A experiência com as cordas favorece uma multiplicidade de trocas e objetivos. Existe uma relação entre o *rigger* e a pessoa amarrada, onde as informações são transmitidas pela corda, pelo toque da fibra na pele, pelos olhares e pela comunicação não-verbal estabelecida entre as partes envolvidas. Com uma corda é possível amarrar mãos, pernas, tronco, realizar desenhos simétricos, assimétricos, suspender uma pessoa pela cintura, costas, ou até mesmo pelos cabelos. O jogo busca uma conexão de entrega entre as partes, uma forma estética específica para deleite visual, pode envolver também o prazer erótico, o orgasmo. É possível transformar alguém em

objeto, ao amarrar a pessoa numa cama, cadeira, viga. Pode-se usar da vergonha e da restrição para ativar reações entre quem joga. O saco, o pênis e o clítoris também podem ser estimulados. Com as cordas é possível trazer conforto, abraçar, colocar a pessoa num estado de êxtase onde ela quase dorme. Ou, ainda, trazer desconforto e explorar os limites da submissão¹⁴. Elas podem ser artísticas, reconfortantes, eróticas, orgásmicas, e, no fundo, o que importa é a intenção das pessoas envolvidas no jogo.

Tudo isso começa pelo primeiro nó. Mas antes disso, ainda é preciso um pouco de segurança.

- O workshop é 'Perdendo o medo das cordas', mas eu vou começar botando medo em vocês - Jon disse em tom sério, mas ainda com um largo sorriso no rosto - É importante a comunicação efetiva entre quem amarra e quem está amarrando. Não é só porque você quer ser amarrado de uma forma, que vai ser possível.

Enquanto os alunos escutam, atentos, ele explica os possíveis perigos e cuidados necessários. Uma corda mal cuidada pode causar queimaduras, amarrações podem levar a restrição do fluxo sanguíneo e certas posições podem causar lesão nervosa.

- A corda que a gente costuma usar é de fibra de juta, não tem muitos riscos de causar queimaduras. Agora, o ponto mais tenebroso é o dano nervoso, esse pode gerar problemas sérios. Qualquer problema que acontecer - Jon mostra a tesoura de ponta romba, fazendo movimentos de corte - É só cortar a corda. Com essa tesoura não tem erro, você não vai machucar a pele.

¹⁴ Zen Nawa, estudante de um dos mestres do Kinbaku Yukimura Haruki, comenta as distinções de aplicação das técnicas. Utilizadas de várias formas, uma delas, o semenawa (tortura com as cordas), envolve a criação de um espaço de submissão - que não envolve a dor, e sim uma entrega completa ao perceber que não será possível oferecer resistência.(NAWA, 2016).

A tesoura com uma das pontas abauladas é comumente utilizada para cortar tecidos, ou roupas sem agredir a pele. É um material indispensável aos praticantes. As técnicas do Kinbaku foram desenvolvidas com o objetivo de serem seguras. Isso exige treino e também conhecimento sobre o corpo humano, estudos ao longo de vários anos. Por isso, a tarde nublada de domingo tem como objetivo ser o primeiro passo de uma longa caminhada. Após a conversa sobre os cuidados e um leve aquecimento do corpo, chega o momento de conhecer as cordas propriamente ditas. Antes de dar o primeiro nó, todos experimentam como é ter a corda enrolada ao redor do corpo, sentem o contato dela com a pele nos braços e através das roupas no tronco.

Jon começou demonstrando o que fazer, chamou a sua modelo ao centro - que chamarei de Lu. Vestida com roupa própria para o treino de *ballet*, Lu também nunca havia experimentado a sensação proporcionada pelas cordas. Mesmo que estivesse ali justamente para ser amarrada, Jon se posicionou ao seu lado e conversou com ela, explicou e obteve seu consentimento. Ele começou a girar em torno dela, passando a corda com movimentos rápidos e precisos, envolvendo o corpo sem executar a aplicação de algum nó, mas a corda permaneceu justa e firme contra o corpo dela.

- Você precisa deixar a corda esticada para se comunicar. Se você deixa a corda frouxa, cai tudo. A ideia é manter a pressão, manter a comunicação com a corda efetivamente tocando a outra pessoa. Essa coisa de manter a pressão enquanto está amarrando é o mais difícil, manter a comunicação. Os nós e a amarração ficam mais bonitos se a gente amarra com a pressão correta.

Depois da primeira demonstração, os alunos executaram o mesmo processo. Questionada sobre como foi experimentar a corda

pela primeira vez, Lu comenta que a sensação foi “como um abraço”, algo gostoso. Nesse ponto, um dos três nós se desfaz - o primeiro daqueles três amontoados na cabeça. Com o acordo entre as partes, o consentimento, a comunicação e a resposta positiva para ambos, podemos compreender as possibilidades do prazer a ser desfrutado no Shibari. Para Jon das Cordas, foi a oportunidade de ensinar; para a modelo, a sensação do abraço.

Durante o resto do dia, enquanto sua presença não era necessária, a modelo passava boa parte do tempo distraída, conferindo o celular, se alongando na barra ou comentando sobre jogos de RPG de tabuleiro. Assim que Jon a chamava, ela se movia solícita e os dois se envolviam no jogo com as cordas.

Sem dúvida, o principal momento do dia é a prática do nó, necessário na hora de firmar as amarrações e criar conexões durante o ato. Em sua maioria, os nós utilizados precisam ser firmes e fáceis de se remover, existindo inúmeras opções. Jon optou por ensinar o *Square Knot*, chamado de Nó Direito. Ele é tecnicamente simples, mas requer bastante destreza e atenção para aprender. A corda é dobrada ao meio, deixando de um lado as duas pontas e, do outro, o meio que forma a ‘cabeça’, também chamado de *byte* - termo em inglês amplamente adotado. São duas voltas com a corda no local desejado, depois duas séries de movimentos com uma mão para segurar a corda e o indicador da outra igual um pequeno gancho, na intenção de agarrar a tal da cabeça e traçar o nó. Quem sabe faz em segundos, quem não sabe erra inúmeras vezes até acertar - e quem tenta explicar passa trabalho.

- De baixo para cima.

- Me perdi - grita uma das alunas. Apontando para a corda, ela exhibe o braço da sua amiga.

- Não, não, não, aí já tá certo. Calma - Jon comenta correndo pela pequena sala de dança - Todo mundo já fez o primeiro movimento? Ó, de baixo pra cima, da esquerda pra direita, jogou por dentro e subiu na esquerda. O nó fica certo quando a corda sai pra mesma direção onde a gente tava amarrando.

Com o primeiro nó atado vem uma surpresa. Ele é extremamente fácil de remover. Apesar de firme, basta um simples movimento para desatá-lo. Jon finaliza a experiência demonstrando o nó algumas vezes, ele ata e desata o Nó Direito. Ata e desata o Nó Direito. Ata e desata, tudo em pouco tempo. Nesse processo, o segundo nó - daqueles três trançados na cabeça, desata também. Existe técnica, segurança e objetivo; praticar Bondage com as cordas faz sentido.

O restante do dia segue de forma tranquila; após uma breve pausa para o lanche, os alunos voltam e colocam em prática o nó e dão continuidade à amarração, experimentam trançar a corda em volta do tronco de seus pares. Aos poucos as pessoas ficam mais confiantes e começam a experimentar coisas novas, uma tentativa de simular um *corset*, formas simétricas, trançar as cordas ao redor dos seios. Mesmo amarrados, os praticantes pareciam soltos. Algo que deixa o Jon das Cordas satisfeito.

- Dar aula é um lugar onde me sinto confortável, mas ao mesmo tempo não - ele explica, citando suas próprias dificuldades ao iniciar - eu demorei um mês, não, três meses para aprender a dar o primeiro nó. Não é só fazer a oficina, é preciso continuar amarrando para desenvolver.

Com horas e horas de amarras sendo trançadas para lá e para cá, o curso 'Perdendo o medo das cordas' surte o efeito desejado. Já no final do dia, com todos sentados mais uma vez no semicírculo, Jon

escuta os feedbacks positivos sobre o dia, que, naquele momento, já havia se transformado em uma noite nublada e sem estrelas.

- Cheguei aqui achando que só ia curtir amarrar - falou o único homem da turma, um adulto alto, corpulento e de voz grave - mas acabei curtindo ser amarrado.

- É muito legal ver as pessoas descobrir uma nova posição, perceber que é um jogo e se sentir bem em experimentar - segundo Jon, seu papel é ser um incentivador e a oficina serve apenas para alimentar a vontade.

Como presente, Jon entrega um jogo de cordas para cada uma das duplas, junto com uma tesoura. Animados, alguns alunos encomendam mais cordas - o que também faz parte do objetivo, pois é esse seu sustento - e compram alguns dos óleos para a manutenção da fibra. Pronto para se despedir e guardando o restante do material em sua peculiar mala de viagem rosa, uma das alunas - a mesma que achou estar dando o nó errado - pergunta sobre qual o material usado na fabricação.

- Essas são cordas de fibra de juta que, se bem cuidada, pode durar dez anos - explicou Jon - A corda pode ser de qualquer material, como algodão, cânhamo ou até outro produto que não seja orgânico. Mas a juta funciona bem, são as cordas que você mais encontra porque ela é macia e tem boa durabilidade.

A juta é uma planta longilínea que alcança até 4 metros de altura. Originária da Índia, ela é plantada no Brasil e serve de sustento para muitas famílias ribeirinhas na região Amazônica. A fibra é principalmente aplicada na fabricação de sacas de café, amendoim, castanha e outros produtos similares. Também é utilizada no artesanato, na fabricação de cadeiras, almofadas e decorações. Ao redor do mundo, a planta tem seu uso principal na agricultura, mas uma

pequena parcela da fibra é destinada à fabricação de cordas, que acabam nas mãos de *riggers* do mundo inteiro dispostos a praticar um pouco de Bondage. No Japão não é diferente, na terra do Shibari/Kinbaku, tão difundido nos quatro cantos do mundo, a juta também é altamente popular. A versatilidade da corda a torna uma escolha segura e, como é produzida no Brasil, também é acessível para os praticantes daqui.

Curiosamente, a história nos reserva uma coincidência. Assim como a popularidade do Shibari amarra e conecta o Bondage nipônico ao restante do mundo, a fibra de juta honra a nossa relação com os japoneses. Poucos fetichistas e praticantes devem se dar conta dessa conexão, pois essa ligação é apenas um pequeno detalhe da nossa história, mas a juta só é plantada no Brasil graças ao esforço dos imigrantes japoneses, os que vieram para cá antes da Segunda Guerra Mundial. Ryota Oyama é considerado o responsável por aclimatar a juta nas várzeas amazônicas na década de 1930¹⁵. Começar o cultivo dela não foi simples e Oyama dedicou sua vida à tarefa, até conseguir perceber que ela crescia bem nas regiões ribeirinhas. É um pequeno detalhe, mas adiciona outra camada de conexão fetichista entre os dois países. Com histórias entrelaçadas e interesses compartilhados, não é surpresa o Shibari se difundir tão amplamente pelo Brasil. Afinal, a principal característica da arte que tanto encanta os amantes do Bondage é a sua capacidade de criar conexão, através da comunicação entre quem amarra e quem é amarrado, tudo através da corda. Assim, o último nó - daqueles três atados na cabeça, se desfaz naturalmente, criando espaço para algo novo.

¹⁵ O livro *Imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola* foi escrito pelo neto de Ryota e aborda toda a história e trabalho dos japoneses na região (HOMMA, 2016).

Semanas depois, conversei com Jon sentado no banco em frente à reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina. Questionei o motivo dele não usar termos em japonês, ou até mesmo evitar se referir à prática como Shibari durante a aula. Jon explica que, como facilitador, seu objetivo é criar um espaço de diálogo, principalmente para quem está iniciando ter mais facilidade. Para ele, é preciso adaptar o jogo à nossa realidade, pois questões éticas e estéticas podem ser difíceis de traduzir e não devem ser, simplesmente, copiadas.

- A gente tem que entender que a nossa realidade é diferente.

Apesar da realidade ser diferente, o interesse pela prática é vivo e se transforma ao criar inúmeras possibilidades de amarração. Enquanto as pessoas praticam, elas aprendem. Enquanto aprendem, elas dialogam. Enquanto dialogam, novas conexões são formadas. E não podemos esquecer que, de certa forma, a fibra de juta ou a corda, independente de qual seja, estará sempre presente, para criar pontes e unir fetichistas de todos os lugares.

Sobre os alunos do curso, é impossível dizer, após irem embora naquele dia, se continuam a praticar. Talvez sim, talvez não. Quem sabe alguém já faz suspensão, testa o limite da submissão, ou entra num estado de êxtase máximo de conforto. Alguns podem ter experimentado um orgasmo, ou dois, ou três. Talvez uma delas foi amarrada em uma cadeira e usada como assento, ou criado um pouco de moda e desenhado um belo *corset* de cordas. Por fim, sempre há aquele que fica com preguiça e acaba esquecendo a corda dentro do guarda-roupa.

Independentemente de qualquer coisa, as possibilidades são livres, agora que os nós foram embora.

A ROSA DO BECO

Durante as noites de sextas e sábados, jovens da cidade de Florianópolis saem às ruas em busca de lazer. Tendo que se contentar com uma capital pouco preparada para a vida noturna, eles se esgueiram pelas ruas do centro da cidade, em busca do que fazer. A movimentação atrai novos bares e logo os jovens começam a se reunir nesses locais para beber. Com copo de cerveja na mão, ficam perdidos na rua, tropeçando os pés nas poucas vias ainda asfaltadas com pedra. Pelo menos é isso o que acontece até a polícia chegar e mandar todo mundo para casa.

Na semana seguinte acontece a mesma coisa, um movimento pendular de jovens atrás de diversão, numa cidade que tenta dormir cedo. Aos poucos os bares somem e reaparecem, no mesmo passo dos jovens surgindo em outras ruas para se aglomerarem. Alguns bares duram mais do que outros, um sinal de resistência. Perto da Praça XV de Novembro, onde a velha figueira serve de morada para mendigos, descendo a Rua Tiradentes e subindo a Nunes Machado, você encontra o Beco do Corvo. Apesar da aparência decrépita da rua durante a noite, o bar de Heavy Metal não se encontra em um beco, mas, sim, de frente para a rua, igual a tantos outros locais na luta pela atenção da juventude desamparada de Floripa.

O local é apertado e escuro - fazendo jus ao nome -, com uma luz vermelha iluminando a decoração medieval exposta nas paredes. Quadros de bandas e o metal tocando na caixa de som não faltam e criam um ambiente capaz de inspirar alguma história fantástica de Edgar Allan Poe. No fundo do Beco do Corvo tem uma escada; basta passar por algumas mesas e pelo bar, onde garçons cheios de tatuagens tentam dar conta das pessoas lotando as ruas. Lá trás, Jon

das Cordas espera com um sorriso no rosto e deixa os convidados subirem.

- A mão esquerda. É uma questão de princípios - Brinca ao amarrar um pedaço de corda no punho, como identificador.

- O que tem lá em cima? - alguém pergunta meio bêbado, querendo espiar.

- Desculpa, mas é uma festa privada - ele responde.

No segundo andar do bar funciona um espaço dedicado a eventos. O local é pequeno e deve caber, no máximo, umas 40 pessoas, considerando-se um estado onde todo mundo roça os ombros. Há outra escada que leva ao terceiro andar, onde funciona um estúdio de tatuagem, obviamente fechado durante a noite. Durante a madrugada da última sexta-feira de setembro, uma rosa será plantada naquele salão apertado. Plantada com giz vermelho em papel preto. Plantada após agulhas atravessarem a pele.

O Beco do Corvo é apenas mais um bar da região, um dos poucos que tocam rock pesado. A festa prestes a começar no segundo andar do local só acontece devido ao esforço de um grupo de fetichistas de Floripa. Sedentos pela oportunidade de se encontrar, trocar experiências e ter lazer, o Beco do Corvo foi escolhido... porque sim - os donos do bar provavelmente não sabem com exatidão o teor da festa - se a cidade já deixa os jovens desamparados e carentes de atenção, imagina um grupo de fetichistas atrás de algo para chamar de seu.

Lá em cima algumas pessoas conversavam tranquilas, outras subiam e desciam constantemente para buscar bebidas. Não havia muita gente. Elas vestidas de todas as formas, de terno, mulheres de sutiã, *dommes* com bota e roupa de couro, algumas pessoas mais tímidas, outras nem tanto. Havia até alguém de regata, como se

quisesse ir na padaria. Jon vestia uma bata, igual a um monge da perversão. Ao passar pelas pessoas ele conversa, ri, esbanja simpatia.

No fundo, mais ao canto, em conversa amistosa com duas outras pessoas, estava Lírio Lobo, uma mulher de estatura baixa, cabelo escuro curto e ondulado. Vestia uma pantalonada florida com *body* vermelho - de acordo com as palavras dela: estava uma gostosona - a maquiagem do rosto completava o visual colorido, pálpebras pintadas de vermelho até o canto do olho, detalhes em branco formavam uma pintura descendo dos olhos até a bochecha. Um simbolismo tribal próprio, pintura de caçadora.

- Sou colorida, não tenho essas piras com preto, vinil, látex. Também sou caçadora, mas sou boazinha - comentou descontraída - depois eu só levo pra casa e como.

No começo da festa, Lírio Lobo ficou reservada, usualmente ela falaria com todo mundo, inclusive com quem ainda não conhecia o restante do pessoal fetichista do grupo. Ela se sentiu atípica, normalmente teria convidado outras pessoas para passarem o dia com ela, na preparação para a festa. Mas preferiu ficar sozinha. Às vezes é necessário reservar um tempo para si. E foi o que ela fez. Ao ver o *body* vermelho no armário, comprado há algum tempo mas nunca usado, respirou fundo, pintou a maquiagem e foi para a festa. Horas depois estaria desfilando pelo pequeno espaço, *body* aberto e as costas cavadas de agulhas.

Assim que todos os convidados chegaram, os organizadores pediram atenção para algumas recomendações básicas. Primeiro, o uso de celulares está estritamente proibido durante as cenas; se necessário, era só descer. O objetivo do encontro é ser uma confraternização, algo raro de acontecer para fetichistas de uma cidade como Florianópolis, por isso o respeito é o mais importante na hora de evitar problemas.

Conversar, brincar entre si estava permitido em qualquer espaço, mas as cenas principais seriam executadas em um pequeno tatame posicionado na parte da frente, chamado pelos organizadores de “palco”. Durante as cenas é preferível não transitar por ali, e evitar incomodar os outros. Delimitando o palco, do restante do espaço, tinha um dildo azul colado no teto. O pênis de borracha de tamanho médio, protegido por uma camisinha - segurança em primeiro lugar -, posicionado na viga de sustentação, acabou no campo de visão de todos. O coitado não recebeu muita atenção durante a festa, era apenas uma brincadeira para delimitar o espaço.

Com a intenção de estimular a segurança, afinal nem todos ali se conheciam, um breve exercício foi executado. Em duplas, de forma aleatória, cada um puxou o indicador de outra pessoa para trás. A tração coloca pressão sobre as falanges e causa certo desconforto. Quem teve o dedo puxado indicou o tamanho do desconforto através de duas palavras: amarelo e vermelho. Amarelo indica algo tolerável, um limite de atenção; vermelho foi usado para interromper imediatamente a tração. A ideia é praticar o uso das *Safewords* - palavras de segurança, que servem como limitadores da intensidade dentro do BDSM e também como aviso se for necessário encerrar a atividade por qualquer motivo. Todos foram estimulados a usar as duas palavras, e o salão logo se encheu de “amarelos e vermelhos”, sem ninguém fazer nada sério. Com o fim da breve dinâmica, todos voltaram suas atenções para um homem de suspensório, cabelo crespo, negro e olhos caídos que cuidava da seleção musical do segundo andar - a *playlist* eclética toca Rammstein, Depeche Mode e até Britney Spears - com voz suave e exalando tranquilidade, informou:

- Em certo momento da noite vai rolar uma prática com agulhas, se por acaso alguém... - ele parou por um momento, escolhendo a palavra - tem algum problema com agulha, já fica avisado.

Os frequentadores começaram a beber, conversar e se divertir. Algumas pessoas ficam ligeiramente bêbadas demais, outras vão embora mais cedo. A madrugada chega e ela traz unhas arrastando na pele do tronco e das costas, arrancando baixos gemidos sufocados pela música alta. Um eletroestimulador posicionado sobre o ponto motor do músculo - local onde a impedância da pele é menor e favorece a eletroestimulação - promove a contração muscular involuntária e causa sensações de prazer, misturado com desconforto. Em outro canto, um homem cego, de cabelos compridos e lisos, no melhor estilo metaleiro, pratica Shibari com uma mulher. Através do toque, ele a posiciona nas posições certas, amarrando as cordas por entre as pernas e seus braços nas costas. Em outro momento, uma *Domme* colocou em prática suas habilidades com as cordas e amarrou outra mulher em uma cadeira, os tornozelos firmemente presos nos pés do objeto.

No segundo andar do Beco do Corvo, o grupo de adultos aproveita o deleite daquela confraternização erótica. Com leveza, uma brincadeira, alguns tendo seu primeiro contato com os fetiches do BDSM; se algo a mais surgisse dali, indo para o conforto das casas das pessoas, somente a madrugada poderia dizer.

A primeira cena oficial da noite ficou por conta de Jon das Cordas. No palco, ou melhor, no tatame, ele amarra uma jovem moça de cabelos encaracolados escuros, que iam até o final das costas. Magra, ela veste um simples vestido preto, delineando as formas sutis do seu corpo. Sentado ao seu lado, Jon fala algo ao pé do seu ouvido e começa a conduzir a cena, deixando as cordas cuidarem do restante da comunicação. Ali não era mais Jon, o professor, mas, sim, Jon, o *rigger*.

A jovem logo se perdeu nas sensações. Nos olhos dela era possível perceber que não estava mais ali, no Beco do Corvo, e sim em algum lugar nos confins da sua mente. Perdida no êxtase daquele pequeno espaço extracorpóreo de relaxamento e prazer, Jon traça as cordas pelo corpo. Ele amarra os braços nas costas, traz a juta pela frente dos peitos e a coloca deitada no chão, em posição fetal, os longos cabelos dela grudam no rosto e caem pela boca que respira entrecortada. Antes de encerrar, com um leve tapa na bunda, ele sinaliza a entrega completa. O momento dura cerca de dez minutos e após a dose de erotismo e submissão, as cordas são desatadas do corpo em uma velocidade impressionante.

- Tudo bem? - Jon pergunta e garante o bem-estar da sua companheira.

Enquanto os dois conversam, trocando figurinhas sobre o momento compartilhado, Lírio Lobo e o homem das agulhas vão para a frente do palco.

- É melhor começarmos agora? - pergunta Lírio Lobo.

- Acho que sim, melhor já começar a preparar.

Lírio Lobo começa a organizar a bancada, e até aquele momento ninguém sabia exatamente qual seria a cena, apenas que envolveria agulhas - prática conhecida popularmente como *Needle Play*. Aos poucos, a frente do palco ficou cheia e para ganhar mais espaço algumas pessoas se posicionaram atrás de ambos para ter visão melhor. O homem cego sacou o celular, ele era o único que podia, e através de um programa de audiodescrição também conseguiu aproveitar o momento.

A tensão no ar era palpável, desde a menção à palavra “agulha”, uma pequena parte do inconsciente dos presentes ansiava aquilo. “Será

que ia doer demais?”, “Será que eu vou conseguir assistir?” são os questionamentos a correr pelo salão.

Apesar de se identificar como uma TOP¹⁶, Lírio Lobo jogou como *bottom* durante o *Needle Play*. O homem - a quem vou apenas nomear como Júnior - quebra um pouco as fantasias irrealistas usualmente construídas sobre a presença de um Dom de características sádicas, alguém com apreço por causar dor. A voz calma, o olhar tranquilo e os gestos suaves inspiram segurança. Ele coloca uma luva preta, enquanto Lírio Lobo prende com fita adesiva um papel preto sobre a bancada, onde algumas pessoas estavam guardando seus pertences.

Júnior abre uma maleta de primeiros socorros, retira gase, álcool e agulhas hipodérmicas. O processo é feito com a maior calma do mundo; primeiro, ele abre o *body* vermelho de Lírio Lobo, passa álcool no local para realizar a assepsia da pele, depois vai calmamente marcando uma série de pontos nas costas dela com um lápis preto comum. Nessa hora ela já está pronta, sentada de frente à bancada e com o estojo de giz aberto.

Assim que Júnior coloca a primeira agulha, ela começa a desenhar. Assim que a primeira agulha atravessa a pele, todo mundo prende a respiração. Assim que a primeira agulha permanece presa, sem extrair uma gota de sangue, a rosa do beco começa a ganhar vida.

- A gente usou o BDSM como ferramenta, o *needle play* como uma forma de expressão artística. Naquele momento eu joguei como *bottom*, mas era um combinado entre dois artistas - Lírio Lobo comenta sobre a inspiração para a apresentação. Tenho total confiança no Júnior, por isso não tenho medo.

¹⁶ As posições TOP e *bottom* não necessariamente são sinônimos completos a Dominadores e submissos. TOP é quem está mais alto na hierarquia e controla o poder que o *bottom* escolhe conscientemente ceder. Dentro disso, existem vários tipos de TOPs e *bottoms* (EASTON, 2001)

Com os dedos em pinça, Júnior pega um pouco de pele e posiciona a agulha, Lírio Lobo desenha tranquila, mesclando giz de tons vermelhos com verde na criação da rosa. A garantia de que a agulha irá atravessar a pele com precisão e não rasgá-la exige certa técnica. O bisel do material, a parte mais pontuda da agulha, é direcionada para baixo. Assim ela entra primeiro na pele, furando a epiderme superficialmente. O movimento é firme e evita a dança da agulha dentro do corpo, a cada nova picada um lampejo de inspiração cai sobre a cabeça de Lírio Lobo, e ela começa a desenhar frenética por alguns segundos. Os presentes observam atentos, cabeças esticadas para olhar a agulha atravessar a carne. A cada breve momento de resistência da pele, que precisa ser rompida pela agulha, uma pequena exasperação percorre o salão.

O processo se repete até a rosa ficar completa, com mais de doze perfurações nas costas, nenhuma gota de sangue escorre da pele. Júnior crava a última agulha, e Lírio Lobo expressa a dor através da pintura e finaliza os últimos toques de vermelho das pétalas da rosa. Fitas de cetim vermelho e preto são entrelaçadas com cuidado ao redor e formam um desenho na pele. A imagem escolhida por Júnior lembra as cordas de um espartilho, entrelaçadas habilmente nas costas de sua tela humana. Os dois terminam juntos e arrancam aplausos dos presentes, alguns até ligeiramente emocionados. Lírio Lobo desfila e deixa as pessoas verem as agulhas nas costas. Ela segura os peitos com as mãos, pois o body vermelho continua aberto. Agora ela ri e conversa com todo mundo.

- Eu não desenho pela dor. Eu desenho no suporte da dor - confidenciou ao admitir que a dor não lhe proporciona tesão - O que me moveu foi a confiança e o desafio de produzir algo enquanto suporte a dor.

Apesar de se mover com graça, ela admite não poder torcer muito as costas. Se as agulhas se moverem em demasia, podem machucar. Formada em arquitetura, Lírio Lobo abandonou a profissão em 2021 e agora trabalha com artes plásticas, pintura, desenho e também poesia. Pelo Instagram, ela divulga suas produções e a rosa do beco, logo também estará na sua página. Quem observar a imagem talvez não entenda, mas além do vermelho das pétalas um detalhe curioso chama a atenção. Os ‘espinhos’ da flor parecem cortados, como se eles não estivessem ali. A primeira interpretação de alguém provavelmente será algo em torno de “foram cortados pois não podem mais machucar a rosa”. Mas isso é um erro, os tais espinhos - que não existem, pois rosa não tem espinho - não a machucam, eles a protegem. No desenho de Lírio Lobo, eles não estão cortados; pelo contrário. Como uma agulha atravessada na pele, o espinho da flor atravessa a tela. Sem medo da dor.

Apesar dos seguidores não saberem sempre a fonte de inspiração de suas criações, ela não tem medo de explicar. Lírio Lobo não se esconde mais. Isso não quer dizer sobre medo de esconder seus fetiches, isso não é somente sobre BDSM, é sobre não se calar, é sobre se descobrir mulher, no sentido erótico da palavra - como ela mesmo afirmou.

- Eu sou uma mulher que começou a se descobrir aos 38, 39 anos de idade. Não estou falando de parar de esconder coisas erradas, porque algumas coisas são erradas mesmo. Estou falando de parar de mentir para si mesmo.

Lírio Lobo transmite a imagem de alguém com anos de experiência, mas ela mesmo admite ser iniciante. Para ela, o BDSM é sobre autoconhecimento, uma afirmação comum entre os praticantes, e por isso evita um pouco alguns rótulos. Sem depender do BDSM para

sentir prazer, ela gosta de usá-lo para complementar sua vida. Recém-saída de um casamento, ela mantém uma relação D/s¹⁷ com dois outros submissos, onde busca explorar todo o potencial da sua sexualidade.

Uma decisão essencial alterou completamente sua percepção sobre a sua sexualidade, sem qualquer relação com o BDSM. Há algum tempo deixou de tomar anticoncepcional e bastou alguns meses sem a pílula para a libido se alterar. Se antes o toque não causava nada, Lírio Lobo passou a sentir tesão com o toque da pele. O contraceptivo oral combinado de desogestrel e etinilestradiol pode afetar o corpo de maneiras indesejadas¹⁸. Ao encerrar o uso e deixar o organismo ditar seu ritmo, ela pôde experimentar novas sensações que a auxiliaram no processo de descoberta da eroticidade. Lírio Lobo afirma ter descoberto muitas coisas durante o último ano, algumas através do BDSM, outras através da arte e também após ouvir melhor os movimentos do próprio corpo.

Perto do final da festa, Júnior remove as fitas e agulhas da pele, e algumas diminutas gotículas de sangue escorrem nas costas. Após a assepsia, os machucados param de sangrar e dentro de dois ou três dias estarão completamente curados. Nessa hora a madrugada avança e muitos dos convidados vão embora. Logo chega o aviso de que o bar está fechando, um sinal claro da expectativa dos garçons em desejar ver os clientes somente no dia seguinte.

Aos poucos todos vão embora, alguns como Lírio Lobo ficam até o final, aproveitando o momento e a diversão. A experiência da noite irá permanecer na memória, criando a ânsia por outras vezes. É o que

¹⁷ D/s significa uma relação entre dominador e submisso. Detalhe para o 'D' em maiúsculo e 's' em minúsculo. Uma brincadeira com a hierarquia das posições.

¹⁸ Estudos científicos apontam que o uso do anticoncepcional apresenta resultados complexos nos corpos femininos. Revisões mais recentes encontram resultados neutros, positivos e negativos sobre o desejo sexual e libido de quem usa a medicação. Apesar do relato de Lírio Lobo, nem todo mundo parece ser afetado negativamente (COELHO, 2019).

todos pedem pelo WhatsApp aos organizadores da festa. Com a quantidade de gente nas ruas, a polícia passando, mandando todo mundo embora, a jornada para conseguir voltar para casa não é fácil. Entre mendigos, bêbados e perdidos, quem não tem carro precisa se virar. Mas neste momento o tempo de espera não passa direito, pois a cabeça permanece inundada com imagens de agulhas cravadas na pele, fitas de cetim, os movimentos precisos do braço a superar a resistência da derme e alcançar o outro lado.

A imagem da rosa do beco também fica na cabeça, principalmente o seu significado perante a liberdade de expressão dos corpos. Uma rosa não tem espinhos. Na realidade, o seu caule forma um acúleo de proteção. Qualquer botânico sabe disso, mas dificilmente você vai ouvir algum deles na rua perdendo tempo para corrigir outras pessoas - a necessidade de destacar essa informação deve agoniar qualquer jornalista - Afinal, não seria isso conivência com uma falácia? Ou apenas a aceitação de uma interpretação adicionar novo significado à flor? O “espinho” protege, mas fere. Assim como a agulha. Mas na verdade, o espinho não é espinho, e, sim, um acúleo, uma proteção da flor para a própria flor. Existe uma diferença de interpretação aqui: a palavra real ninguém usa e o significado fica à mercê da distinção entre as próprias pessoas. Por isso eu não poderia dizer: o mesmo vale para a agulha? Ambos atravessam a pele. Fato. Ambos doem. Fato. Mas o encargo da interpretação fica sob a responsabilidade dos objetivos da ação. Para certas pessoas, a distinção entre dor e prazer é curta. Dói, mas gera prazer. É dor, mas elas interpretam de outra forma. Da mesma forma que o espinho/acúleo.

Apesar de Lírio Lobo deixar claro não ser masoquista, mas alguém que sente prazer na dor, a situação é parecida. A rosa do beco

é vermelha, pujante e simboliza o feminino. Seus acúleos atravessam a tela e movem, aceleram, expressam a arte da descoberta.

ESCRAVO, CONTA ATÉ CINCO

- Escravo. Escravo, vem aqui.

- Sim, Rainha.

- Oooh, que bonitinho.

Sentada no sofá, fumando um cigarro, Kiara observa o Escravo caminhar até ela de quatro, vestido apenas com uma cueca boxer e coleira no pescoço. Ela solta a fumaça, segura o cigarro entre o indicador e dedo médio e com um sorriso malvado prende a guia na coleira.

- Hoje eu tô com raiva, vou maltratar você.

- Por que rainha?

- Porque é assim que funciona - responde irônica, enrolando a guia na mão até ficar com o rosto do Escravo bem próximo do seu - Hoje, eu vou chutar o teu saco.

Kiara tem o semblante de menina má. O sorriso jovial de alguém prestes a cometer algum crime, cabelo pintado de loiro, sobrancelha fina e quando fala, o tom de voz brincalhão, revela alguém que se diverte em ser sádica. Vestida com bota preta de salto alto, calça *legging* giletada e um body preto aberto nas costas com manga rendada, ela abre um largo sorriso ao ver o Escravo cumprir uma ordem sua.

- De joelhos.

O homem de meia idade, ligeiramente gordo e peitoral cabeludo, fica de joelhos e automaticamente já coloca as mãos nas costas. Obediente, obedece uma ordem antes dela precisar ser dita.

- Adoro essa mão pra trás - ela fala e deixa escapar uma risadinha. A satisfação é tamanha que às vezes o lábio superior de

Kiara chega a enviesar e deixa os dentes bem à mostra, o que deixa a expressão da *domme* ainda mais malvada.

Com a guia na mão, ela dá uma volta ao redor do Escravo e aperta o saco dele com a bota. Olha divertida, pergunta se dói, e abre outro sorriso quando ouve a resposta afirmativa. Kiara cospe no rosto dele e desfere três chutes no seu saco. Com gemidos de dor, o homem se prostra com a cabeça no chão e implora por piedade.

- Piedade?? Vamo, levanta.

Já com lágrimas nos olhos e o cuspe escorrendo num dos cantos da boca, ele se levanta e lhe dirige um olhar submisso.

- Vamo contar? - Kiara diz animada, a voz transmitindo euforia.

- Não..., por favor.

- Até cinco, vai.

O primeiro chute vem com força e o barulho do impacto ressoa pela sala inteira. O som da bota acertando as bolas vem acompanhado de um longo grito e a palavra 'um' entrecortada entre um misto de dor e desespero. Os chutes seguintes vêm em sequência, com intensidades diferentes. Kiara ri, enquanto seu Escravo conta: dois, três, quatro. O último chute chega com um pequeno *delay*, aquela quebra de expectativa onde o pé balança no ar por uma breve fração de segundo, gerando a dúvida na cabeça do submisso: "o chute vem? não vem?". No ínterim, o tempo congela e o ar parece ficar preso na garganta. Quando algo diferente parece prestes a acontecer, tudo volta ao seu devido lugar e o que estava programado para acontecer, de fato, acontece. O último chute vem com força total e pega em cheio no saco.

Afinal, o Escravo prometera contar até cinco.

- Aaaaaiiii.....cinco - geme num sussurro quase inaudível.

Kiara observa o homem se prostrar no chão, com um largo sorriso no rosto e os olhos cintilando. A *domme*, de 26 anos, não esconde o

prazer sádico que sente ao ver a dor do submisso. Ela trabalha como *dominatrix* profissional há pouco tempo, na capital de São Paulo, e também estuda psicologia, mas precisou trancar o curso. Durante o isolamento da pandemia, entrou no meio do BDSM “de cabeça” e aproveitou as restrições impostas pela doença para estudar a filosofia do movimento, conhecer pessoas e realizar sessões online. Começou a tributar os atendimentos a partir de 2021, com o afrouxamento das regras de distanciamento. O fetichismo, por outro lado, está presente em sua vida desde muito cedo.

Ela afirma que desde muito jovem apresentou tendências sádicas e, por não entender os impulsos que a moviam, acabou incomodando muita gente sem consentimento. Inclusive, durante a adolescência, acabou por colocar fogo nos cabelos de um rapaz na sala de aula. Por essa época ela pede desculpas, mas não deixa de contar as histórias rindo. Aos 13 anos, ela se viu como objeto do desejo abjeto de um homem adulto, e por livre espontânea vontade, começou a vender calcinhas para ele. Apesar do teor problemático do relato, Kiara conta a história com descontração, sem remorso ou qualquer indício de que a atitude do ‘tiozão’ a tenha incomodado de alguma forma.

A *domme* lembra o dia em que sua calcinha ficou à mostra, enquanto ajudava a lavar carros, no lava-carro onde trabalhava. Em certo momento, um homem adulto se aproxima dela e lhe oferece uma nota de 10 reais; que aceita sem entender o porquê. Mais tarde, amigos contam a ela o motivo do agrado ter sido sua calcinha aparecer, ao se abaixar para lavar o carro. Ao invés de aversão, a situação lhe soou como uma oportunidade, e a partir daquele dia começou a mostrar suas calcinhas de propósito.

Pouco tempo depois começou a vendê-las; vestia a *lingerie* por alguns dias no seu corpo jovem demais e entregava ao ‘tiozão’ enfatizado pela sua roupa íntima.

- Ele não queria me tocar, só queria minha calcinha - revelou no dia em que nos conhecemos - nosso único contato era a troca.

Já adulta, começou a trabalhar como garota de programa e, antes disso, no RH de uma empresa; local onde guarda nas lembranças como o pior trabalho da sua vida.

Como garota de programa, Kiara participou da sua primeira sessão fetichista aos 18 anos, convidada por uma mulher a quem queria pegar. Logo de cara experimentou a prática de chuva dourada e *pegging* - fetiche com urina e penetração anal com dildo, respectivamente. Adorou a experiência, e sentiu uma parte de si ser preenchida como não havia acontecido antes, mas, como não entendia exatamente do que se tratava, acabou não se aprofundando. Cerca de um ano mais tarde, um “maluco” a contratou para outra sessão fetichista. Mesmo sem entender exatamente do que se tratava, ela foi e fez todas as coisas que, há anos, rondavam seu subconsciente.

- Fiz todas as coisas que eu tinha vontade de fazer, coisas que eu nem sabia que tinha vontade. E daí, no dia seguinte eu tava ligando para a minha psicóloga.

Para Kiara chutar com prazer e consciência o saco do seu Escravo, precisou aprender as regras do jogo e, ao estudar a filosofia do BDSM, acabou encontrando o que procurava. Através da plataforma FetLife¹⁹, conheceu praticantes, pôde estudar e aprender, conheceu o SSC (São, Seguro e Consensual) e decidiu aproveitar o isolamento forçado para deixar a profissão de garota de programa e investir na

¹⁹ O FetLife é a rede social dos fetichistas, com funções similares às grandes plataformas, como o Facebook. Com mais de 10 milhões de usuários ao redor do mundo, a rede social funciona como um ponto de encontro para adultos encontrarem outras pessoas com interesses similares.

carreira de dominatrix profissional, para a alegria e dor do seu Escravo, um cliente assíduo e regular, sempre disposto a se colocar aos pés da sua rainha. E engana-se quem acredita que a sessão acaba após cinco belos chutes no saco; pelo contrário, ela está só começando.

- Foi gostoso?

- Sim, rainha.

- Então, vamo mais, deita.

Deitado de costas no piso frio, ele coloca as mãos em formato de prece indefesa, com medo e expectativa. Kiara não perde tempo e começa a pisar em seu saco com a bota. Preso no aperto da sua rainha, o Escravo se contorce de dor. Ela dá uma longa baforada no cigarro, sopra a fumaça no rosto dele e começa a brincar.

Pisa, esmaga, chuta. Ela ri, dá uma volta, começa de novo. Brinca com a expectativa, com o medo, com a dor. Seu lado sádico se aflora e toma conta de todo o ambiente.

- Tira essa cueca, quero pisar em você sem nada.

Completamente pelado, o Escravo tem seu pênis esmagado; a genitália murcha se contorce de um lado para o outro, parecendo uma gelatina. Já as bolas desaparecem completamente debaixo da bota.

- Tá gostoso minha bota nas tuas bolinhas?

- Não..., rainha - fala num gemido, as mãos fechadas com força para tentar aguentar a dor.

- Nãaaooo? - Kiara comenta irônica.

Após torturá-lo por alguns minutos - para ele deve ter demorado uma eternidade - Kiara ordena ao Escravo que retire suas botas. Pisando em sua barriga, ela observa o trabalho diligente do seu submisso, ao desamarrar os cadarços. Descalça, ela tira a calça *legging* e fica apenas com o body, esfrega o pé em sua boca, pela barriga e volta a esmagar as bolas. Dança com os pés pelo corpo do Escravo e

exibe o corpo de forma sedutora, o sorriso sádico nunca deixa seu rosto.

No auge da sessão - que demorou cerca de 20 minutos - Kiara o coloca sentado e esmaga suas bolas e pênis no chão. Com a cabeça apoiada na perna da sua rainha, ele tenta aguentar a dor. Nos breves momentos, em que ela alivia a pressão, o olhar dele se dirige a ela, num misto de entrega e derrota. Entre a dor e a submissão, o corpo é levado ao limite e o Escravo entra em um estado onde parte da sua mente parece divagar pelo nada.

Kiara termina a sessão, pisando em seu rosto de forma malvada, como se olhasse um pedaço de lixo estarrado no chão do seu apartamento. Porém, no rosto dela, o sorriso continua estampado.

Ambos atingem a satisfação, não através de um orgasmo tradicional, mas, sim, de uma espécie de êxtase mental. De acordo com a *domme*, o orgasmo, o gozo, a esporrada, não precisa acontecer necessariamente para atingir o nível máximo de satisfação. Algumas pessoas o buscam, e ele acontece, mas em outros casos o jogo não envolve a ejaculação de nenhuma das partes envolvidas.

Além de sofrer nas mãos dela, o Escravo irá expor sua tortura aos seguidores da sua rainha. Com alguns dos encontros, entre ambos, gravados, Kiara posta o conteúdo no Privacy, uma plataforma de fãs, muito parecida com o OnlyFans, onde os criadores de conteúdo, majoritariamente, produzem conteúdo adulto de forma independente. Os vídeos são gravados nas próprias residências, com uma câmera de celular e, segundo ela, os submissos adoram um conteúdo caseiro.

- Quer ver deixar um submisso louco? É ele chegar aqui e eu de chinelo.

A Kiara é sádica, o Escravo é masoquista. Cada um dos dois com seus fetiches e ambos os satisfazem através de um acordo prévio,

estabelecido de forma consensual. Ao contemplar a história da *domme*, alguém pode se perguntar como alguém desenvolve um fetiche desse? A pergunta é simples, mas a resposta é altamente variada. Não necessariamente complexa, e, sim, diversa. Se fosse uma prova de múltipla escolha, a resposta mais próxima da realidade seria a alternativa ‘todas as opções acima estão corretas’. Fantasias sobre algum objeto, real ou irreal, é algo que ocorre naturalmente e o ambiente ao qual estamos exposto irá influenciar a construção de tais fantasias. Só é bem difícil afirmar como essa relação será construída.

Por exemplo, durante as entrevistas, uma fonte confessou anonimamente a descoberta de um fetiche sem querer no YouTube. Durante a adolescência, ao navegar na plataforma, se deparou com vídeos de mulheres japonesas ‘beijando’ as lentes de câmeras - como se fosse um beijo em primeira pessoa -, em certo momento a saliva começa a escorrer profusa e o tal ‘beijo *fake*’ vira um emaranhado de saliva sendo cuspidos na tela da câmera. No decorrer dos vídeos, a baba voa para todos os lados e em certo ponto já nem era mais possível observar a mulher na tela. Ao invés de causar estranheza, as imagens geraram excitação. Pronto. Alguém descobriu um novo fetiche. No caso, o conteúdo erótico ao qual foi exposto não deveria estar veiculado em uma plataforma como o YouTube, porém, em meados dos anos 2006, anos após ser lançado, os algoritmos não filtravam com particular eficiência o conteúdo postado na rede. Algo que melhorou bastante, hoje em dia²⁰.

Após descobrir os vídeos, surge a vontade de experimentar algo parecido e o resto é segredo. Não deixa de ser verdade que a pornografia pode levar as pessoas a descobrirem novos fetiches, mas

²⁰ A inteligência artificial utilizada pela plataforma é capaz de remover a maioria dos conteúdos que violem as políticas da empresa, antes de receberem visualizações. (MEYER, 2018)

engana-se quem pensa que o pornô é, no geral, a única porta de entrada para o universo fetichista. Pelo contrário, muitas vezes o conteúdo erótico apenas dá nome a muitas das fantasias circulando no inconsciente coletivo da sociedade. Além disso, descobrir um fetiche, um desejo, uma fantasia pode estar completamente desligado da pornografia, ou de exposições eróticas.

Uma brincadeira infantil onde o leão caça a zebra, numa configuração similar ao famoso ‘polícia e ladrão’, também pode levar alguém a identificar ou criar preferências. Em um estudo científico qualitativo etnográfico, realizado na Suécia, a autora se deparou com relatos de fetichistas onde brincadeiras infantis, fora de contextos sexuais, serviram como o primeiro gatilho na formação erótica do indivíduo²¹. No caso, sempre escolher ser a zebra e ser a caça do leão, levou à identificação com a submissão.

É claro, este é apenas um exemplo, mas ele serve para elucidar como é difícil tentar categorizar a presença de fantasias sexuais com base em moldes antigos sobre o que é certo e errado. Atualmente, a ciência moderna se afasta de tentar tabular desejos eróticos como comportamentos desviantes, e tenta entender se tal comportamento traz benefícios positivos ou negativos às partes envolvidas, antes de tratar algo como patológico. A fantasia representa algo irreal, uma tentativa de aproximação para satisfazer na realidade, algo que reside no plano virtual da mente²².

Talvez seja por isso que a pornografia é terreno fértil para tal conteúdo. De acordo com os dados de um dos principais sites pornô do

²¹ *BDSM, becoming and the flows of desire*, publicado em 2018, acompanha um grupo de fetichistas por um período de 5 anos. Nos relatos, os participantes apontam uma grande variedade de acontecimentos que levam ao surgimento de fetiches e como o ambiente influencia tal formação (CARLSTRÖM, 2018).

²² O Psicólogo Yuri Secches Ghelfi (CRP: 12/12872) aponta o fetiche, independente de qual seja, como um caminho alternativo na busca por satisfação.

mundo, o Pornhub, termos relacionados ao BDSM correspondem a 1,5% de todas as pesquisas dentro da plataforma²³. Talvez o valor percentual não aparente ser grande coisa, mas os números e categorias podem esconder alguns detalhes perante o comportamento dos usuários dentro da plataforma. Por exemplo, o termo mais pesquisado em 2021 no site foi Hentai, que são animações japonesas pornográficas. Inclusive, o Brasil é um dos grandes responsáveis por essa estatística, pois é a categoria mais pesquisada em terras tupiniquins. Dentro do Hentai, um dos principais subgêneros é o Netorare - histórias envolvendo infidelidade. Por se tratar de uma animação, é mais fácil para o conteúdo extrapolar temáticas, com histórias fantasiosas e a exploração livre de temas fetichistas. Curiosamente, os dados do Pornhub apontam para uma preferência de mulheres em pesquisar termos associados diretamente ao BDSM, como *'spanking'* e demais pesquisas envolvendo temáticas de punição. Apesar dos acessos ainda permanecerem majoritariamente masculinos, 65% homens e 35% mulheres. A tendência de cada vez mais mulheres consumirem pornografia, no entanto, continua em alta. De 2020 até 2021, a porcentagem de acessos aumentou 5%, saindo de 30% para 35%. O aumento é expressivo, pois os dados levam em consideração os acessos globais da plataforma, e, enquanto alguns países ainda apresentam os homens como consumidores majoritários de putaria na plataforma, alguns países como a Colômbia apresentam proporções de acesso quase equiparadas entre ambos os gêneros - 51% homens e 49% mulheres. No Brasil essa distância continua grande, com 63% dos acessos feitos por homens e 37% por mulheres. Mesmo assim, a tendência brasileira também acompanha o restante do mundo e, em 2021, as mulheres aumentaram o consumo de pornô no site em 4%.

²³ Dados apresentados são referentes às análises da plataforma, realizadas anualmente.

Dentro da temática do BDSM, pesquisas relacionadas a *spanking* e *bondage* são as mais comuns. Com o aumento da popularidade dos conteúdos fetichistas e a facilidade que se tornou filmar, editar, veicular conteúdos atualmente, não é surpresa que muitos praticantes arrisquem produzir conteúdo erótico e, ou, pornográfico, como Kiara.

Ao acessar o Privacy da *domme*, a pessoa cai em um universo de fantasias repleto de sadismo, podolatria, humilhação e dor. Porém, apenas consumir o conteúdo, imaginar uma cena, ficar com os pelos do braço arrepiados ao desejar algo sexual, ou sentir um frio na barriga ao imaginar a dor sentida pelos participantes, não inclui dois momentos importantes de toda essa construção: o antes e o depois. Não há sessão de BDSM sem antes ou depois. Não há jogo entre adultos sem antes e depois. Não há uma sessão Sã, Segura e Consensual sem o antes e depois.

- Tudo começa quando o sub entra em contato comigo pelo celular - Kiara explicou no dia em que nos conhecemos - A gente faz uma pré-negociação pelo whats. Eu vou entender o que a pessoa quer, como ela funciona.

O antes é definido pela negociação. A intenção é conhecer o máximo possível o submisso. Depois, ambos marcam um encontro presencial para continuar a conversa. Nesse ponto, as regras são estabelecidas, os limites conversados. O que você quer? O que você não quer? O que tem curiosidade? O que gosta? O que não gosta? Mais do que escolher uma palavra de segurança, é importante definir exatamente o que irá acontecer. A ideia é, literalmente, estabelecer um acordo onde ambos expõem claramente quais os objetivos pretendidos.

- Na negociação eu quero entender a pessoa, durante ela eu não exijo que me chame de senhora ou rainha. Só depois vem o *start*.

Nesse ponto, ambos discutem a existência de limites rígidos - expressão utilizada para identificar quais práticas não serão realizadas sobre hipótese alguma. Dentro de um universo tão diverso quando o plano das fantasias, cada indivíduo apresenta desejos distintos, encaixados em pequenas caixas dentro da sigla do BDSM, mas ainda assim distintos entre si. Dessa forma, não há sádico, masoquista, dominadora e submisso que aceite realizar todos os fetiches imaginados pela fértil mente humana.

Outro cuidado especial é em relação aos ganhos com a sessão. Apesar de parecer estranho que alguém ganhe algo positivo depois de receber um chute nas bolas, a principal intenção de todo o jogo é essa. Talvez uma venda nos olhos, ou uma chicotada na bunda não suscite a noção de perigo, mas independentemente do acordado, os riscos físicos e psicológicos são reais e precisam ser levados em consideração.

- Eu preciso entender se as práticas que essa pessoa gosta vai reforçar negativamente algum comportamento dela. Tomo muito cuidado com isso - afirma Kiara, mostrando que mesmo sádica malvada é uma pessoa consciente do seu papel - Eu direciono a sessão pra ele ficar feliz e eu ter o meu êxtase também. É uma troca. Por exemplo - ela continua - humilhação é uma prática que as pessoas pedem bastante e eu avalio bem. Porque sou chata. Se eu perceber a intenção de usar a humilhação pra fuder ela mesma, eu não faço.

Kiara ressalta o desejo das pessoas em reproduzir situações vividas anteriormente, através de fantasias. Para ela, o importante é o entendimento do indivíduo sobre a situação.

- A pessoa quando procura humilhação muitas vezes quer reproduzir xingamentos da mãe, do pai. O fetiche está próximo. Tem gente que tem naturalmente, tem gente que tem por causa de algum

trauma. Agora, se o cara quer ouvir que é um bosta, mas ele entende o contexto de não ser um bosta. Beleza.

Dentro do imaginário popular, palavras como vadia apresentam uma conotação pejorativa óbvia, mas também são amplamente utilizadas em contextos sexuais para apimentar a relação. A humilhação erótica - como o fetiche é nomeado, ao invés de somente humilhação - vai um pouco além desse conceito apesar de estar apoiado nele. Imagine a humilhação erótica como um *spanking* com palavras, algo mais intenso que cause uma espécie de 'dor psicológica'.

A ideia é justamente atentar o psicológico da pessoa, causando humilhação, embaraço e a sensação de ser alguém pervertido. Palavras que diminuem a condição do indivíduo, como broxa, lixo, cadela fedida, ou expressões: "você é um porco, todo mijado, não sabe nem se limpar" são alguns exemplos de como as palavras podem ser utilizadas na humilhação erótica; é claro, como apontam os fetichistas, um "vadiazinha" bem aplicado também é capaz de surtir os efeitos desejados. Assim como no *spanking* com chicotes, esses golpes duros com palavras também possuem o objetivo de proporcionar prazer. A chave é a consensualidade do ato. A intenção é servir de gatilho para um orgasmo intenso, e não desconforto psíquico²⁴.

Com tamanha intensidade das práticas, o jogo não pode simplesmente acabar. Por isso, o depois da sessão, é definido pelo *aftercare*. O significado é a tradução literal da palavra da língua inglesa, o 'cuidado após'.

- O *aftercare* é tirar a pessoa daquele estado em que você a colocou. É muito importante ela sair da mesma forma como entrou.

²⁴ Indivíduos que derivam prazer da prática relatam atingir orgasmos mais intensos após a degradação. A diferença essencial entre a humilhação e humilhação erótica é que o ato deve causar prazer e ao final deixar o indivíduo mais empoderado (KALI, 2015).

Acolhimento, cuidados com a pele, assepsia de machucados, pomadas para arroxeados. Tudo faz parte do cuidado após a sessão. Além disso, fetiches mais intensos, como a sessão entre o Escravo e Kiara, exigem cuidado físico e emocional. É importante garantir a integridade da pessoa, nesse caso da mente do Escravo e também do seu saco.

Apesar de existir uma técnica correta para realizar o *ballbusting*, a recuperação não é imediata. Pode demorar algumas semanas até o saco escrotal e pênis estarem 100% intactos. Nesse período, é importante - obviamente - evitar novas sessões e cuidar da saúde corporal, cuidar com possíveis hematomas, inchaço e evitar cuecas apertadas. Do lado emocional, a *domme* conversa e oferece proteção ao submisso, certificando-se do bem-estar dele.

- Depois, quando vai pra casa, ainda tem um cuidado pós. A gente troca mensagens, porque não é brincadeira e não dá pra arriscar.

A dor nos dias seguintes serve como uma lembrança calorosa, o cliente carrega consigo a lembrança e pode aproveitar seus resquícios fisicamente. Quem apanha da Kiara costuma voltar e, além do Escravo, ela tem alguns submissos regulares, e reserva aos *crossdressers* - pessoas que durante as sessões se vestem com roupas do gênero oposto -, um carinho especial.

- Meus favoritos são os *crossdressers*, é mágico ver a transformação e a forma como se libertam.

Além de atender majoritariamente em casa, a *domme* também realiza sessões em masmorras secretas escondidas pela cidade de São Paulo. Segundo ela, motéis e casas de massagem estão investindo em opções fetichistas, devido ao aumento na demanda. Apesar de jovem, Kiara é decidida quanto ao seu desejo de explorar o fetichismo e transformá-lo em seu trabalho. Vivendo exclusivamente dos

atendimentos, gostaria de algum dia voltar a estudar psicologia e unir os conhecimentos adquiridos na faculdade às práticas do BDSM. Desde que começou a estudar a filosofia do movimento, os acordos, a consensualidade dos atos e compreender a forma ideal de expressar os desejos intrínsecos às suas fantasias, ela não busca se relacionar com outros fora do contexto fetichista.

Ao contrário do que se possa imaginar, essa decisão não é pelo fetiche, pelo erotismo ou qualquer outra coisa. A fantasia é uma forma de se obter o prazer, porém, não é a única. Para ela, é o modo como as pessoas se expressam de forma honesta, perante suas vontades, e estabelecem regras claras entre si ao se comunicar o grande diferencial dos praticantes.

Com comunicação, não há dúvida. Sem estigmas, não há sofrimento. Com liberdade, há expressão. Para isso, Kiara nasceu das necessidades, um pouco sádicas, de uma jovem que desde muito cedo gosta de se exhibir. O preço das suas sessões é variado, e depende exclusivamente das suas vontades. Do que quer fazer no dia. O que vai lhe dar tesão. Os submissos estão sempre dispostos a se jogarem aos seus pés, e ela sempre solícita a cuidar deles com boas doses de dor. Ela afirma que, nela, a Kiara sempre existiu, desde a época quando vendia calcinhas ao 'tiozão' do lava-carro. Agora, já adulta e consciente, aprendeu a vendê-la do jeito como gosta de viver a vida.

O Escravo passará algumas semanas até se recuperar, aguardando ansioso o próximo encontro. Nesse tempo, Kiara fará outros se submeterem às suas ordens.

A Masmorra

Do Dom

- Vai rolar uma sessão, quer assistir?

Li a mensagem de Dom Barbudo na tela do celular e tomei um susto; sem pensar muito, respondi assertivamente que sim.

- Espera um pouco, vou conversar com eles.

A presença da palavra 'eles' no plural não passou despercebida, gerando certa expectativa quanto à continuidade da conversa. Antes mesmo de saber se a sessão - nome usual utilizado por fetichistas para designar a realização de alguma prática de BDSM - iria de fato acontecer, me preparei e fui embora do bairro paulistano da Liberdade, onde me encontrava. Como o local não possui uma boa conexão com a internet, perdi bons minutos entrando e saindo de aplicativos, com o celular para o alto, em vã tentativa de captar o sinal de alguma antena qualquer. Quem viu aquilo deve ter achado estranho alguém andando meio desnortado, celular para cima e uma *action figure* de anime na outra mão. Ainda mais em São Paulo, onde dizem ser uma péssima ideia andar por aí com o celular dando 'sopa'.

- Eles toparam, pode vir.

Assim que a mensagem chegou, chamei um Uber e me encaminhei na direção da Vila Mariana, bairro na zona centro-sul da cidade de São Paulo. Lá, Dom Barbudo tem sua masmorra, onde homens submissos gemem de tesão e prazer. A masmorra não fica em nenhum subsolo, como é de se imaginar; pelo contrário, está localizada em um apartamento no quinto andar, de um prédio numa rua ligeiramente inclinada e bem movimentada. Ao redor, casas, bares e

uma pizzaria funcionam normalmente, alheios aos segredos escondidos entre as quatro paredes pretas da masmorra em meio à Vila Mariana.

Do lado de fora, um homem de estatura média, barba preta escura e cabelo comprido se distrai ouvindo música. Os fones de ouvido verdes bem posicionados na orelha. Veste uma camisa bege, sem estampa, calça jeans e bota preta. Com os braços finos e peludos, ajeita o fone de ouvido enquanto aguarda. O Cara do Fone Verde - como vou chamá-lo -, espera o Dom Barbudo. Cerca de 20 minutos depois, duas pessoas dobram a esquina. Vestido com jaqueta de couro azul, um quepe e imponente barba, devidamente cuidada, Dom Barbudo abre um sorriso amistoso e cumprimenta ambos com um abraço.

- Esperaram muito?

É um homem pequeno, não possui um porte físico forte, mas não chega a ser magro. Além das roupas, ele transmite ar de imponência com seu olhar compenetrado e movimentos firmes. Um rapaz jovem, na casa dos 20 anos no máximo, se posiciona de forma tímida ao seu lado. O Submisso estava completamente de preto e reconheceu a presença dos outros com um leve aceno de cabeça. Com os ombros rodados internamente, joelhos fechados e olhar fixado no chão, ele passa a impressão de alguém introvertido, quieto e de poucas palavras. Com as apresentações feitas, Dom Barbudo aciona o interfone e pede ao porteiro a abertura da porta de entrada, ele chama todos e se encaminha a passos firmes em direção ao elevador, apenas cumprimentando rapidamente o porteiro que não presta muita atenção nos quatro homens entrando sorrateiramente no prédio.

O elevador abre as portas no quinto andar e ele guia todos até o apartamento, no caminho apenas conversas banais, sobre como havia sido chegar até ali correndo. A masmorra é, na realidade, um apartamento de um quarto, banheiro, cozinha e sala modificada para a

execução das práticas fetichistas. O ambiente, no entanto, realmente parece uma masmorra. Você sobe o prédio, mas na mente desce em direção ao submundo do prazer.

Com parede de ladrilhos pretos, a masmorra exhibe uma grande quantidade de acessórios fetichistas para as mais diversas práticas: amarras, vendas, máscaras de couro, máscara de gás e algemas voltados ao Bondage, materiais perfeitos para *spanking*, como *floggers* e *canes* - açoitadores e varas, e também havia plugs anais e gancho metálico para penetração no ânus. No canto direito, uma grande gaiola de metal era o espaço reservado aos *pets* humanos do Dom Barbudo. Em cima da gaiola, uma roupa de couro no estilo camisa de força esperava aberta, como quem diz querer ser provada. A roupa é o novo xodó do Dom Barbudo, recém adquirido pela internet.

Além de uma estante, com vibradores, dildos, lubrificante, a masmorra tem de mobília um espelho de corpo e um sofá-cama de couro preto, posicionado na parede. O chão é coberto com um curioso tapete de couro de vaca e o teto cuidadosamente revestido com espuma isolante. A masmorra do Dom tinha objetos para tapar os olhos e a boca, prender mamilos, excitar o pênis, bater na bunda e também de colocar no cu. A espuma garante que, independentemente do fetiche, nenhum som saia dali.

Um quadro, posicionado de frente para a entrada da masmorra, chama a atenção de quem entra. A moldura estampa uma fotografia de Dom Barbudo, vestido de couro e exibindo a faixa de Mr. Leather 2017. O popular concurso norte-americano aconteceu pela primeira vez no Brasil em 2017, coroando Dom como seu primeiro vencedor. Após vencer a primeira edição, ele também participou da disputa internacional, em Chicago, e ficou na 10ª posição, dentre 67 participantes. O Mr. Leather reúne homens amantes de couro da

comunidade LGBTQIA+ em um concurso anual, que iniciou nos Estados Unidos em 1979²⁵.

No Brasil, o concurso foi interrompido devido a dificuldades de organização, e ao início da pandemia do novo coronavírus - e dificilmente será retomado, segundo Dom Barbudo.

- A comunidade anda meio desunida, a pandemia separou muito as pessoas. Precisa voltar, mas este ano não vai rolar.

Apesar de já estar certo de que, em 2022, nenhum homem amante do couro receberá a faixa de Mr. Leather, o evento em si mexe com os ânimos da comunidade *leather* brasileira. Durante a segunda edição, em 2018, um documentário intitulado 'Mr. Leather' contou a história do evento²⁶. Mais do que apenas um vencedor do concurso, Dom Barbudo é uma figura muito reconhecida no meio fetichista brasileiro, tanto dentro do BDSM, quanto na subcultura *leather*; ele detém o total respeito dos homens gays de São Paulo, devido a sua importância não somente com o fetichismo, mas também com a cultura *leather* no Brasil.

Com mais de 50 anos, ele é um homem experiente que descobriu o BDSM depois dos 30, durante uma viagem aos Estados Unidos. Antes tinha contato com práticas e roupas de couro através de filmes pornográficos, gravados em fitas VHS e alugados regularmente em locadoras na época em que morou no Rio Grande do Sul. Durante a viagem, acabou entrando em um bar *leather* BDSM sem saber e acabou deslumbrado com o que viu e aprendeu. Sabendo que as fantasias reservadas aos momentos de masturbação também cabiam na

²⁵ A versão norte-americana do concurso já possui mais de 40 anos de história e é um movimento importante da subcultura *leather*, reunindo homens gays e fetichistas. O concurso ganhou a versão Ms Leather em 1999 (BANNON, 2018).

²⁶ Dirigido por Daniel Nolasco, o documentário lançado em 2019 acompanha a segunda edição do concurso Mr. Leather Brasil (NOLASCO, 2019).

realidade, Dom Barbudo voltou ao Brasil pronto para colocar em prática seus desejos.

O interesse pelo meio o tornou uma referência nacional, e o desejo em propagar informação, a mesma que levou anos até encontrar, o estimulou a criar o site DomBarbudo.com. Atualmente, o portal fetichista é um dos maiores da América Latina sobre o tema e conta com cerca de mil acessos diários. Sem qualquer monetização, o site traz informações aos praticantes, desde conceitos básicos até a realização de fetiches. No local, Dom compartilha relatos das suas sessões, com fotos e vídeos. Traz pessoas conhecidas no meio para escrever sobre o assunto, ele inclusive registrou o domínio DomBarbudo para evitar o roubo e cópia de seu esforço, e todo o processo envolveu o pagamento de taxas e dez meses de burocracia. Estimulado por amigos, recentemente criou um perfil no OnlyFans, uma plataforma onde pode monetizar seu conteúdo e investir o lucro na manutenção do site e também na aquisição de novos apetrechos fetichistas. Tamanha é a popularidade do OnlyFans que a ideia se tornou uma saída acessível e um espaço onde pode compartilhar algumas das práticas com seus seguidores.

Questionado sobre o impacto de ser alguém reconhecido no meio, e como isso afeta suas esferas sociais, Dom Barbudo afirma preferir não associar trabalho e nome ao seu prazer, mas pontua:

- A família não sabe, só os amigos. Mas minha cara está estampada em todo lugar - Comenta, rindo da ironia - No site, em revista, no jornal, tô na globo.com.

Para Dom Barbudo, que realiza seus fetiches apenas por prazer, o tesão deriva da curiosidade de homens gays, bissexuais ou heterossexuais novatos no assunto. Ver o prazer da descoberta o deixa excitado

- Eu gosto dos inexperientes - ele afirmou sobre sua preferência - o que dá tesão são os novatos e curiosos. O que me deixa motivado é o medo inicial, a boca seca, o coração pulsando.

Por isso, não é surpresa quando o Submisso se ajoelha na frente dele, com as mãos para trás e cabeça entre as pernas do Dom, obediente, enquanto o aguarda ler o contrato.

- Hmmmmm, iniciante, mas quer intensidade média, assim que eu gosto - com os joelhos ele pressiona a cabeça do Submisso, que geme baixo - Normalmente eu leria o contrato antes, mas como ele não conhecia o lugar, resolvi encontrar ele no metrô.

Aquela seria a primeira experiência do Submisso com o BDSM, e os dois se conheceram através do popular aplicativo de encontros casuais *Grindr*. A masmorra também estava com um tripé armado, com jogo de iluminação pronto para filmagem. No primeiro momento, a filmagem ficou sob a responsabilidade do Cara de Fone Verde, que já está de cueca, uma mão segura o celular, a outra o pau. O Dom seleciona uma máscara, com abertura apenas na boca e a coloca no rapaz. A *safeword* combinada entre os dois é amarelo, e ele avisa:

- Quanto menos tu usar a palavra - ele fala, e mesmo morando em São Paulo desde 1997, o sotaque gaúcho ainda escapa por entre algumas palavras - Eu gosto de gente que se entrega. Não gosto de gente morna.

Após conferir o contrato, indicando os desejos e limites do Submisso, Dom Barbudo levanta e o ordena a tirar a roupa. De forma tímida ele fica nu e revela algumas tatuagens pelo corpo, incluindo uma grande aranha nas costas.

- Além do medo, o que tu tá sentindo?

- Tesão.

Com a mão do Submisso sobre a sua, ele a coloca no próprio pau, como quem diz: tá vendo isso daqui? Ansioso para estrear a nova roupa, pega o grande saco de couro e o coloca sobre a cama preta. A roupa tinha duas camadas e um longo zíper dos pés até o tronco. Dentro da roupa há um espaço para os braços e pernas, prendendo-os internamente. Os dois levam algum tempo até conseguirem vestir a roupa de couro. Enquanto isso, o Cara do Fone Verde filma tudo e balança o pau duro com a outra mão.

Dom Barbudo fecha o zíper e deita em cima do Submisso, esfregando o quadril com movimentos firmes, ele questiona se ele está com tesão e começa a conduzir a cena. Ele esfrega a barba no cangote, abre o zíper e expõe os mamilos. Com mordidas leves e lambidas, brinca com o corpo do rapaz, incapaz de movimentar os braços e pernas, além de estar com uma máscara bloqueando sua visão. Ele desce rápido e morde a barriga, arrancando um longo gemido.

- Tá com medo? Não né, eu sou conhecido. Por isso tu nem fica com medo.

Sentado em cima das pernas do Submisso, ele abre o zíper e coloca o pênis do Submisso para fora. O pau mole cai para a direita flácido e com as bolas apertadas entre uma mão, Dom dá petelecos no saco e questiona:

- Tá com tesão?

- Sim.

- Gosta de ser um objeto?

- Sim.

Dom troca um olhar com o Cara do Fone Verde e pega um vibrador Hitachi, conhecido como 'varinha mágica' e também um lubrificante. Ele derrama o líquido em cima do pênis e liga o vibrador na glândula, com movimentos suaves ele estimula a genitália. O som do

vibrador tremendo se mistura com os gemidos entrecortados do Submisso, mas o pênis continua flácido. A varinha mágica percorre o corpo, excita o mamilo enquanto Dom se empolga com uma vigorosa punheta. De tempos em tempos, ele troca olhares com o Cara do Fone Verde e balança a cabeça.

Apesar de afirmar estar com tesão, a resposta do Submisso parece indicar o contrário - a troca de olhares entre Dom e o Cara do Fone Verde indicava essa percepção. Seu corpo e sua mente parecem alheios aos estímulos que recebe. A empolgação do ambiente esmaece e, com o semblante decepcionado, Dom resolve retirar o rapaz do saco de couro. A progressão do jogo não aconteceu naturalmente e sim de forma mecânica. Mesmo alguém observando tudo pela primeira vez, conseguiria entender que os 'Sim' monossilábicos não correspondem a um sinal de verdadeira entrega.

- Quer pau na garganta? - ele pergunta - Você assinalou no contrato que quer chupar né.

- Quero - responde o Submisso, de pé e perdido, pois não enxerga nada com a máscara.

Com uma leve piscadela, Dom troca a máscara do rapaz para outra com os olhos descobertos. Infelizmente, a sessão não corre como o planejado e uma transição começa a acontecer. Como se a prática fetichista houvesse ficado suspensa no ar, Dom indica ao Cara do Fone Verde para colocar o pau na boca do Submisso.

O jovem rapaz se empolga, e chupa o pênis com vontade. Indo até o fundo da garganta. De joelhos no chão, ele fica longos minutos realizando sexo oral. O Cara de Fone Verde apenas repete uns "mais fundo", "não para", "continua a chupar", enquanto recebe o boquete. Além de gravar, ele havia sido convidado para receber o boquete. Um terceiro elemento, presente apenas para dar uma curtida.

- Isso não é BDSM - Dom confessa baixo, somente para mim - Ele está interessado só no sexo oral.

De acordo com o contrato, o grande interesse do Submisso era a realização do sexo oral durante a sessão de Bondage. Mas, para Dom, as expectativas foram trocadas, sendo que, naquele momento, o jovem e inexperiente rapaz estava na realidade atrás de felação. Pode ser complexo identificar a diferença entre alguém que simplesmente gosta de levar tapas na bunda, de um real fetichista. Por isso, usualmente, a comunidade do BDSM participa de uma longa jornada de comunicação a interação social, onde termos e posições são definidos em busca de autoconhecimento²⁷. É colocar a identidade na prática, aprender mais sobre si e levar o conhecimento até outras esferas da vida. O questionamento é sobre o BDSM, ou os fetiches em si, algo interpretado como: 'o indivíduo faz e isso faz parte dele', ao invés de apenas 'o indivíduo é'. E esse processo só é descoberto através da curiosidade, da informação, da experiência.

- Vamos, se esforça - ele fala, observando o Submisso chupando o pênis - Quer trocar de posição?

- Sim, cansei de ficar de joelho - responde o Submisso - tá doendo.

- É mesmo? - Dom Barbudo solta uma risada e mais uma vez troca olhares com o Cara do Fone Verde - Tu quer ir pro quarto? vamos pra lá então.

O desconforto e a dor talvez nem precisem ser levados em consideração, afinal, a palavra de segurança "amarelo" não entrou em cena. Mas é clara a intenção de Dom Barbudo em remover o Submisso das masmorras e levá-lo a outro ambiente, mais neutro, com a intenção

²⁷ A partir do relato dos praticantes, parte da literatura sobre o assunto aponta que o BDSM é uma 'identidade na prática', uma projeção pessoal e relacional de autoconhecimento do indivíduo. (WEISS, 2011).

de encerrar a cena, sem que a interrupção aconteça de forma abrupta. Primeiro removeu a máscara, o deitou na cama e ele mesmo ofereceu seu pau para ser chupado, indo até a garganta. O Cara de Fone Verde não perdeu tempo e colocou a roupa. Sentado do outro lado, ele observou desinteressado os outros dois.

- Respira, quer ir mais fundo?

Enquanto o Submisso continuava o boquete, lambendo o pau com certa dedicação e tentando engoli-lo até o fundo da garganta, seu próprio pênis permanecia flácido, largado em cima do corpo.

- Tá cansado?

- Sim.

- Vamo, relaxa a garganta e vai até o final.

Dom Barbudo bateu com o pênis na cara dele, enquanto o Submisso respirava fundo para tentar engolir tudo outra vez.

- Quer parar?

- Sim, tô cansado.

Igual um estalo, que desperta e coloca em movimento, Dom aproveitou a deixa e guardou o próprio pênis. Ele conversou com o rapaz, o convidou a lavar o rosto, tomar banho e a se vestir. Os dois conversaram por algum tempo, Dom questionou sobre o estado dele, se estava bem, como havia sido, como se sentia.

O semblante do Submisso indica decepção, mas ele afirma estar bem e veste a roupa. Comenta não necessitar de banho, e apenas lava o rosto na pia do banheiro. Ali estava claro que o objetivo de ambos não havia sido atingido e, apesar da palavra de segurança não ter sido utilizada, Dom Barbudo escolheu encerrar a prática de forma gradual, assim que entendeu que a condução não aconteceria da forma desejada. Assim como alguém que cede o poder, pode se valer das palavras de segurança para indicar o fim de algo: quem domina também

pode escolher interromper, se entender ser o melhor a fazer para ambos. A interrupção daquela forma gradual acontece com a intenção de não causar impacto negativo nas expectativas, apesar da decepção continuar evidente para todos.

De qualquer forma, não existe nada mais realista do que a decepção. O BDSM que às vezes não sai certo, o fetiche que na verdade era só uma vontade de realizar um boquete. Na vida, lidar com o que não sai como esperado é necessário, principalmente no BDSM, afinal, a intenção dos indivíduos é projetar fantasias internas em coisas palpáveis, na intenção de gerar mais autoconhecimento. E nisso, nada mais certo do que esperar alguma coisa dando errado no meio do caminho. Apesar do entretenimento não mostrar os percalços do caminho, a experiência é tão valiosa quanto qualquer outra. Para quem participa, para quem vê e para quem vai ler.

Obviamente, a intenção de postar a cena no OnlyFans não aconteceria. Diferente de outros conteúdos, oriundos de sessões satisfatórias para todos envolvidos, com cenas de *spanking*, *podolatria* e *nipple play* - envolvendo muitas mordidas, lambidas e gemidos de tesão e prazer, a prática do dia não caberia na plataforma, criada com carinho pelo Dom com a intenção de servir como fonte de renda extra, voltada ao site e à aquisição de novos brinquedos fetichistas. A plataforma em 2021 entregou US\$ 3,21 bilhões aos seus criadores de conteúdo²⁸. Vendo o crescimento absurdo, os donos tentaram atrair investidores e entrar na Bolsa de Valores ao se dissociar do conteúdo adulto; a decisão estúpida quase implodiu a plataforma da noite para o dia e, logo relegada a uma decisão que acionistas preferem fingir não ter

²⁸ Os lucros da plataforma obtiveram um acréscimo de 115% YoY (Ano a Ano), entre 2020 e 2021. Com a popularidade e facilidade de produzir conteúdo erótico e/ou, pornográfico, o OnlyFans e seus similares trouxeram acesso fácil a quem quer produzir conteúdo adulto. A divisão da receita fica de 20% para a plataforma e 80% para os criadores (SPANGLER, 2022).

acontecido. Atualmente, sob o prisma de apoiar a criação de conteúdo adulto seguro e responsável, a plataforma voltou a abraçar quem lhe dá dinheiro.

Após a conversa de ambos, Dom Barbudo indica o melhor caminho para chegar ao metrô da Vila Mariana. Agora já é noite e vou embora, ao lado do Submisso - sem esquecer minha *Action Figure* em mãos. O Cara de Fone Verde e Dom Barbudo ficam no apartamento, pois tinham planos para mais tarde. Com leve aceno ao porteiro, mais uma vez prestando pouca atenção em quem entra e sai do local, o Submisso segue pelas ruas de São Paulo. Ele sobe a rua, vira à esquerda, vira à direita, segue reto, atravessa a rua, passos decididos pois o santo mapa do celular guia seus passos. Naquela hora, perto das 20 horas, o bairro está pouco movimentado e torna ainda mais pronunciado o silêncio do rapaz, a caminhar sem fazer muito barulho e com a atenção dividida entre o chão e a tela do celular. Como jornalista, eu deveria estar fazendo diversas perguntas; como pessoa, resolvi respeitar seu silêncio. Depois de caminhar por longos minutos, ele se abre espontaneamente:

- Fiquei decepcionado, não foi exatamente como eu estava esperando.

Surpreso com o comentário, cuidadosamente questionei o motivo. Deixei-o falar e expressar o sentimento preso dentro do peito.

- Eu nem fiquei de pau duro, você viu? Pra mim faltou intimidade... acho que sou demisexual - falou em tom contemplativo, apontando a possibilidade de necessitar estabelecer laço emocional e afetivo antes de sentir atração sexual - Quem sabe fosse diferente.

O detalhe nesse questionamento, entrelaçado em sua identidade sexual, também precisa contemplar o seu interesse no BDSM. O que fica? O que vai embora? Ao que ele responde:

- Tenho interesse, vou continuar experimentando.

Se o Submisso estiver certo perante sua orientação sexual, a primeira experiência com o BDSM serve de lição para aprender um pouco mais sobre si. Mesmo que ela tenha dado errado e, no fim, não tenha ido muito além de dois belos boquetes. Identidade na prática, como diversos fetichistas apontam, uma jornada de interação em busca de autoconhecimento. Mesmo a possibilidade do resultado final ser a descoberta de não ser fetichista, colocar à prova é uma experiência de amadurecimento. Apesar da decepção ser algo que talvez se projete para além das páginas, a experiência acompanha aprendizados e o desejo de experimentar de novo. Experimentar diferente. Experimentar de verdade. Com isso em mente, faz até sentido acabar um pouco perdido em certos momentos.

Da mesma maneira como eu fiquei perdido no metrô, até resolver ir embora de Uber. O Submisso voltou para casa seguro, disposto a encontrar o que busca.

Homens de Couro

A pandemia do novo coronavírus ceifou mais de 680 mil vidas no Brasil²⁹. O ciclo de morte destruiu famílias, fechou empresas, escolas, teatros, cinemas, colocou a sociedade brasileira no limite. O impacto incomensurável da doença deixou um rastro de saudade de quem foi embora e muita insegurança para quem luta e tenta restabelecer a normalidade.

Não é surpresa que dois anos de isolamento, máscaras e cuidados com a saúde tenham afastado as pessoas. Apesar da forte presença nas redes sociais, as enxurradas de *likes* e curtidas, o contato corpo a corpo, a comunicação afetiva interpessoal e o simples ato de falar olhando nos olhos se tornaram algo raro, dentro de muitos grupos.

Não é surpresa que os fundos do Castro Burguer, localizado na rua Joaquim Távora, nº 1.517, em São Paulo, encontra dificuldade para encher seu pequeno salão com a presença de belos homens vestidos de couro. Se antes da pandemia, o lugar ficava lotado e as luzes refletiam o brilho particular do couro nas botas, calças, jaquetas, enquanto um grupo de pessoas interagia e celebrava, agora reunir vinte pessoas já pode ser considerado uma vitória.

- Antes dava até quase 100 pessoas - fala Dom Barbudo - a gente lotava isso aqui, tanta gente que nem cabia.

O Castro Burguer é uma pequena hamburgueria LGBTQIA+ da cidade de São Paulo, com a proposta de ser um ambiente inclusivo e acolhedor. Usualmente lotado, o lugar possui dois ambientes: uma área externa com cadeiras e mesas de frente para a rua, e outra interna, onde além de outras mesas também ficam a cozinha e os banheiros.

²⁹ De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, de janeiro de 2020 até novembro de 2022, cerca de 688 mil pessoas morreram vítimas da Covid-19 (WHO, 2022).

Nessa porção, uma área aos fundos pode ser reservada para confraternizações e aniversários. Ali, três grandes mesas oferecem espaço para, mais ou menos, quinze pessoas sentadas. Uma televisão roda os cliques de pop e funk do momento e um ar condicionado de pequeno porte sofre para refrigerar o ambiente.

O destaque fica para a irreverência da decoração, que conta com ações artísticas de diferentes artistas, nos porta-copos, quadros e nos jogos de mesa - o material colocado antes de servir os pratos e talheres. A cada 90 dias, a casa convida um artista diferente para divulgar sua arte e decorar o lugar, que também participa de ações filantrópicas doando valores monetários às instituições de apoio a causas LGBTQIA+. Além disso, o cardápio é um deleite à parte, repleto de referências à cultura popular brasileira.

Sem Tempo Irmão, vai uma Betty Faria, A Loka, se você quer algo para beber. Se está com fome, um Cookie Brilha pode ser bem gostoso. Já as vilãs mais famosas da televisão brasileira, Nazaré, Carminha e Odete Roitman são opções de pão Ciabatta com ingredientes que nada têm a ver com os nomes escolhidos. Caso o frequentador da casa esteja mais pra lá do que pra cá, o Delírio Comunista, um drink de cachaça Jararaca, promete acabar com o resto da noite.

É nesse ambiente divertido e acolhedor, onde acontece o tradicional Jantar Leather, encontro da comunidade do couro de São Paulo, idealizado por Dom Barbudo. Uma das prerrogativas de quem se torna Mr Leather, é o ideal de agir em prol da comunidade. Ao receber a faixa e título de primeiro Mr Leather do Brasil, Dom resolveu criar um encontro mensal para os amantes do couro - e qualquer outra pessoa -, conseguirem confraternizar. Em outubro aconteceu o 35º Jantar Leather, e mais uma vez os amantes do couro se reuniram no Castro Burguer para se divertir.

Os homens chegam aos poucos no evento, alguns vestidos da cabeça aos pés de couro, outros apenas com uma bota, ou suspensório, uns poucos sem nada. Naquela noite, o Dom Barbudo chega atrasado e, até sua chegada, todos perguntam por ele.

- O Dom Barbudo não chegou?

- Ele já tá vindo, Uber cancelou, parece.

Quando finalmente chega, pede desculpas pelo atraso e cumprimenta todos os convidados, um por um, com um abraço apertado, beijo no rosto ou selinhos fraternos. Veste camisa de couro, suspensório com detalhes em vermelho e cruzado no peito, quepe preto, além de calça e bota de couro. Com largo sorriso no rosto, o anfitrião conversa de forma amistosa com o restante das pessoas.

- Uma pena aquele dia na masmorra - fala para mim - o rapaz só queria oral.

- Não tem problema, foi uma experiência valiosa.

- Vou ver se consigo marcar alguma coisa antes de você ir embora. Tu volta quando?

- Terça-feira.

- Acho que não vai dar, amanhã meu *pet* vai usar a masmorra - comenta pensativo, logo antes de apontar para um homem alto com camiseta branca - Aquele é o Lupe, ele é meu *pet*. Deixa eu te apresentar.

O *pet play* envolve o ato de *role playing* - interpretação em um jogo, onde o indivíduo assume a Persona de um animal, seja de forma forçada através da humilhação e degradação, ou espontaneamente, com o intuito de agir e se comportar como determinado animal, comumente um cachorro, ou gato. Alto e bem forte, Lupe é um cão comportado durante as sessões. No jantar, fora do seu personagem

canino, ele se engajou em uma longa conversa sobre quão sexys são os italianos.

- Eles falam como se estivessem flertando com você - respondeu Baroni, um dos convidados e amigos próximos do Dom - E são muito bonitos.

- A Itália é maravilhosa - concordou Lupe -, quer ver Milão.

Enquanto a discussão do quão belos são os italianos entrava em detalhes mais específicos, o Dom Barbudo ajudou um dos convidados a colocar um suspensório de peitoral da forma correta.

- Espera, deixa eu ajudar, tá todo errado esse suspensório.

- Quem pediu o hambúrguer? - pergunta um dos garçons - não foi aqui?

- Não dá pra abaixar o ar? Tá quente agora.

O garçom vai embora com o hambúrguer e volta com o controle do ar. Nesse meio tempo, Dom pega o suspensório vermelho em mãos e ajuda o outro homem a colocá-lo. Diferente dos tradicionais que são presos na calça, o suspensório de peitoral é vestido pelas costas e atado na frente, e, dependendo do modelo, é difícil saber onde é a frente, a parte de trás, se é para cima ou para baixo.

- Já baixou o ar?

- Tá no máximo.

- Pronto - fala Dom - agora tá certo.

As conversas se sobrepõem umas às outras no decorrer da noite, e, com o aumento da quantidade de couro por metro quadrado, o pobre ar condicionado não consegue evitar que os homens comecem a suar. O controle seria requisitado diversas vezes no jantar, mas não faria diferença alguma. Não que um pouco de calor fosse o suficiente para abalar o ânimo do público, a conversar, beber e comer.

- Você acha que eu devo ir atrás dele? - pergunta um homem baixo, com barriga proeminente e com mais de 40 anos.

- Calma - aconselha outro - Não corre atrás.

- Mas aquele desgraçado não me responde. Acho que vou atrás dele.

- Caaaaalma, me escuta.

- Você acha que eu devo ir atrás dele? - ele questiona outro homem da roda, que estava no seu primeiro jantar Leather.

- Não - responde com a voz baixa, sendo atropelada por todas as outras conversas. O rosto dele, no entanto, expressa um: "Não, você tá doido?" bem claro.

As conversas da noite versam sobre romance, amizade, política, saúde e outros temas aleatórios. Os homens de couro riem e fazem piadas. Em certo momento, Dom Barbudo e Baroni entram em uma longa discussão sobre a importância do *flyer* do próximo evento. Afinal, a 36ª edição do Jantar Leather marca o quinto ano do evento. A edição não simboliza apenas um aniversário, mas também resistência. O número 36, que na realidade deveria ser o número 60, é um sinal de que, mesmo após dois anos de distância, a comunidade Leather continua a luta para se manter unida.

- Precisa pensar essa foto - comenta Dom Barbudo - tem que escolher bem.

- Por que você não faz uma colagem? - diz Baroni.

- Uma colagem?

- É, você pega fotos de vários *flyers* e faz uma montagem.

- Pode ser. Mas corre o risco de alguém reclamar por não aparecer.

- Quem vai reclamar?

- Ahhh, reclamam sim - o Dom comenta indignado - Por que tá uma foto dele e não minha?

Baroni questiona o autor da reclamação, a quem Dom revela afirmando ser um chato. Eles logo esquecem o *flyer* e a conversa gira em torno do chato em questão e a última que ele tinha aprontado.

- Tu não vai acreditar - Baroni comenta com os olhos brilhando, louco para contar a fofoca.

Os dois entram em uma longa conversa envolvendo certo convite para sexo casual, nada discreto e invasivo. É interessante observar de longe como as pessoas se acercam ao redor de Dom Barbudo e conversam com ele. Mais do que apenas amizade, as pessoas dirigem a ele respeito. Quem vê a faixa de Mr. Leather estampada no quadro em sua masmorra, pode não entender a sua importância perante a comunidade dos amantes do couro, mas basta alguns minutos ao seu lado, observando os participantes conversar com ele, para entender como sua figura é central no movimento.

- Quer ir depois na Luxúria? - ele convida.

- Luxuria hoje? Acho que não.

- Vamos na Luxúria? Eu estou com o convite aqui.

- Não sei, Barbudo.

Luxúria era a festa fetichista que aconteceria durante a madrugada. O evento tradicional acontece no bar Eagle e costuma ser um ponto de encontro para os homens gays da região de São Paulo. Mais cedo na noite, Dom Barbudo também havia me convidado para conhecer a festa, mas, infelizmente, tive de recusar o convite pois havia combinado conhecer um casal fetichista naquela mesma noite.

Pelas respostas que obtive, os participantes não estavam muito empolgados em emendar o encontro em uma balada, avançando por toda a madrugada. Muitos estavam ali apenas para jogar conversa fora,

rir um pouco, beber ou comer figurativamente alguma vilã de novela. Certo tempo depois, aproveitando antes de as pessoas irem embora, Dom começou a tirar fotos dos presentes, com a intenção de divulgar no site. Ele sempre faz um breve resumo de como foi a festa no portal e utiliza o material como divulgação do próximo evento.

Fugindo do calor e em busca de um local melhor para a foto, todos foram para a área externa. Quem estava sentado nas mesas não disfarçou os olhares, voltados àquele bando de homens de couro, portando as vestimentas com elegância. Olhares curiosos, divertidos e com certa admiração, como é de se esperar de uma hamburgueria que preza pela inclusão.

Mesmo com uma ligação histórica com a formação do BDSM, durante os anos onde motoqueiros gays norte-americanos lutaram pela criação de espaços fetichistas; vestir couro, gostar da sensação da roupa na pele, ter prazer em exibir a indumentária, não torna alguém fetichista ou a insere dentro do BDSM. Ainda assim, a cultura leather está entrelaçada de forma tão forte com o BDSM, que até mesmo os utensílios fetichistas carregam o couro como uma de suas principais características.

Sair na rua com boné baker boy, uma camisa de manga curta, calça, bota, suspensório de peitoral, obviamente tudo de couro carrega forte apelo de contracultura, mas nem todos os membros da comunidade se identificam com o BDSM em si, ou consideram o uso das roupas como uma subcultura do BDSM, como era interpretado antigamente.

Talvez não passe a impressão, afinal, de todos os presentes apenas uma das pessoas é do sexo feminino, vestida com roupas casuais e uma discreta coleira no pescoço, mas o Jantar Leather, e o

movimento em si, é aberto a todas as pessoas. Para participar basta ter interesse no movimento, sequer precisa usar couro.

- A função é ser um *meeting* - comenta Dom Barbudo - um encontro para formar laços.

Laços estes precisando ser restabelecidos, reconectados, após dois anos sem trocas de experiências. Apenas através da conexão, o grupo pode manter-se unido e ganhar novamente a força e a expressão de antes do período pandêmico. Isso requer empenho e dedicação, e, como Dom Barbudo comentou anteriormente, em 2022 não haverá Mr. Leather. Pelas falas dos participantes e os abraços trocados, a vontade em reunir os amantes do couro continua acesa.

A Bunda que Espirra Sangue

Quem nunca se encantou por uma bunda? A região do corpo dotada de tantos significados, carrega consigo sinônimos eróticos e de poder. O Brasil é, internacionalmente, conhecido como país do futebol, do carnaval e da bunda. Converse com estrangeiros e não demora muito até alguém comentar alguma fantasia exportada sobre a bunda brasileira; das brasileiras, principalmente.

A palavra carrega consigo uma conotação de peso, um símbolo de desejo, atualmente transformado em poder e independência. Não ouse dirigir sem permissão uma olhadela ousada para qualquer bunda que não a sua. Não importa se é pequena, média ou grande, ela é a única parte presente em todos os tipos de corpos a agir como centro de atração. Independentemente de preferência, de identidade sexual, de desejo, um dia, em algum lugar, uma bunda há de te encantar.

A paroxítone de duas sílabas, no português, carrega curiosa sonoridade. Bunda. Bun.da. Bunda. A vocalização fechada que se alarga no 'n' da primeira sílaba, se abre completamente com a chegada do 'da'. A segunda sílaba vira quase um pedido: dá. Bunda. Mas quem é que dá, o que está sendo pedido? Apenas o corpo, no qual, essa bunda está encaixada, pode fornecer a resposta.

Mesmo as mais diversas, e perversas, fantasias nacionais construídas sem permissão, não conseguem obter a sua posse. Com o avanço da sociedade, das discussões sobre corpo e liberdade, as nádegas ganham autonomia, não no sentido literal de moverem-se sozinhas, e sim no figurado de passar a representar o que o indivíduo deseja.

A bunda, mais do que uma parte do corpo, é um sinônimo de força. E até mesmo roxa, machucada e espirrando gotículas de sangue pode simbolizar poder.

Isso, se esse for o desejo da sua dona.

Marquei de conhecer o casal Lola Stein Hot e Dom.Rabbit no bar Dominatrix Augusta, localizado na Consolação, um *point* de encontro dos fetichistas e curiosos da cidade de São Paulo. Saí do Jantar *Leather* e fui de Uber até o local. Para quem não sabe, sair da Vila Mariana e ir até o bairro da Consolação não é, necessariamente, uma viagem curta. Portanto, durante a mais de meia hora que fiquei dentro do carro, escutando uma rádio local e vendo o motorista conversar pelo WhatsApp enquanto dirigia, senti no peito a expectativa e a ansiedade crescer. Ao contrário das outras fontes, os dois eram os únicos com quem ainda não havia conversado, seja pessoalmente ou online. Apesar disso, a noite ainda me reservava uma curiosa surpresa, pois antes de a noite terminar, presenciaria a bunda ensanguentada de BiaViolet, sob os cuidados sádicos de Lola, hipnotizar todos os presentes no local.

Uma vez por mês, acontece no Dominatrix Augusta a festa Lolatrix. Organizada por Lola; o evento traz cenas especiais para quem participa da festa. Para dar um toque especial, cada Lolatrix apresenta um tema específico, e o daquela noite, fazia uma homenagem ao diretor Tim Burton. Ela estava caracterizada como Beetlejuice, personagem principal do filme *Beetlejuice*, de 1988, dirigido por Burton e estrelado por Michael Keaton como o bizarro e curioso morto vivo. Carregando as características tradicionais pelas quais o diretor é conhecido, no Brasil o filme recebeu o tosco nome de “Os fantasmas se divertem”³⁰.

³⁰ O filme foi um marco na carreira de Tim Burton, o que o colocou nos holofotes de Hollywood e permitiu os sucessos subsequentes: *Edward mãos de tesoura* (1990) e *Batman Begins* (1992).

Dividido em dois ambientes, o Dominatrix estava cheio quando cheguei. No andar inferior fica o bar, com algumas mesas e uma barra de *Pole Dance*, espremida em um canto ao lado da escada. O segundo andar é chamado de masmorra, onde fica o palco com o grande 'xis' vermelho de madeira. Ali acontecem as apresentações e cenas fetichistas para o deleite do público. Porém, o ambiente é livre para a interação entre os frequentadores. Por isso, pelas paredes do segundo andar você encontra argolas de ferro, além de um pequeno espaço onde é possível executar suspensões do Shibari. De frente para a escada, quem sobe ao segundo andar já dá de cara com uma série de chicotes, *floggers*, canes e até um gancho anal metálico. O material deixa claro ao frequentador que o Dominatrix é um bar fetichista, onde fetichistas se reúnem para interagir; todo mundo é bem-vindo, só precisa agir com respeito. Apesar disso, sexo penetrativo, ou qualquer ato considerado como coito, não é permitido no local. Obviamente, a proibição envolve cuidados legais com questões jurídicas, apesar de já operar em uma área cinza, em um país como o Brasil.

Os frequentadores mais assíduos costumam tratar o bar como uma segunda casa, por isso é super comum ver mulheres apenas de calcinha, homens de calcinha, peitos de fora, roupas provocantes, gatinhos, cachorrinhos andando pra lá e pra cá, e até mesmo os ocasionais *babies* de pijama ou fraldas - adultos interpretando um papel de alguém mais novo, também pode ser mais velho. No Dominatrix você encontra masoquistas, sádicos, submissos, dominadores, curiosos, gente que quer bater, gente que quer apanhar, gente que quer bater e apanhar; tudo misturado num mesmo lugar para se divertir.

O lugar estava cheio quando cheguei, mas por ser um ambiente pequeno, não demorei muito até avistar Lola com seus 1,73 m de altura, portando uma fantasia de Beetlejuice; o blazer listrado, os cabelos

verdes e maquiagem característica, além de body preto, meia calça e bota preta de cano longo. Conversamos brevemente e de forma carinhosa, me apresentou o funcionamento da casa. Me levou até os fundos, onde funciona uma pequena loja de artigos fetichistas do Lord Steel, onde é possível adquirir roupas, cintos de castidade, materiais para *spanking* e bondage. A Lord Steel Acessórios realiza a entrega de produtos em todo o Brasil, e a página inicial do site, inclusive, tem uma grande fotografia de Lola Stein Hot com *lingerie* preta, *harness* vermelho de couro e um *flogger* de metal em mãos. O primeiro encontro foi rápido, pois a anfitriã precisava dar atenção a um grande número de pessoas.

Antes de me deixar, Lola chamou seu marido, Dom Rabbit, e nos apresentou. O homem negro, de baixa estatura, cabelo curto e magro, se aproximou com largo sorriso no rosto. Seu timbre é calmo, ligeiramente agudo e possui certo gingado, um 'quê' de malemolência, com a qual conduz as conversas de forma dinâmica. Lola, por outro lado, emprega tom assertivo na voz e de forma objetiva, se comunica sem desperdiçar palavras.

Conversamos por algum tempo e Dom Rabbit não perdeu a oportunidade de criar expectativa perante o restante da noite.

- Aqui em cima vai ter duas cenas, eu vou fazer uma cena interativa quente com o Preto. E depois é a Lola e a Bia Violet.

Quem foi ao Dominatrix naquela noite, não deixou de perceber a presença de uma mulher com camisa amarela e saia preta. Principalmente, porque seu rosto estava maquiado ao estilo Noiva-Cadáver, da animação dirigida por Burton. Ela se aproxima de Lola e as duas trocam um selinho carinhoso. Para quem achar peculiar, Bia Violet é namorada de Lola, da mesma forma que Lola é casada com Dom Rabbit. Já Dom Rabbit e Bia Violet, são grandes amigos, e a razão pela

qual as duas se conheceram. Segundo Bia, a conexão entre as duas foi imediata.

- Eu estava num *date* ruim aqui perto do Dominatrix, mandei mensagem para o Dom Rabbit, perguntando se ainda estava na festa - ela explicou - acabei conhecendo a Lola na festa e a gente ficou uma hora direto conversando, a gente se deu muito bem.

Após o primeiro contato, a relação se desenrolou de forma natural. Dom Rabbit e Lola Stein Hot também se conheceram e logo já estavam morando juntos. Os dois carregam tatuado na lateral da mão, as coordenadas geográficas: -23.6637822 e -46.7088629, celebrando o local do primeiro encontro; o nada romântico estacionamento do Habibs. Não é preciso observar por muito tempo para entender que a configuração do casal - dos casais na verdade - funciona, com muito respeito entre as partes envolvidas.

Além disso, Dom Rabbit, ao começar a morar com Lola, precisou conquistar o coração da filha adolescente de Lola. Mesmo sem ter presenciado, posso imaginar como o simpático dominador derrubou as clássicas defesas dos adolescentes com sua conversa envolvente. Ele me contou - noutra dia, enquanto bebíamos cervejas - que além de confidente da menina, a ajuda com os primeiros investimentos financeiros.

A anfitriã, durante o decorrer da festa, seguiu dando atenção a todos. O Lolatrix fluiu como o esperado, porém antes do início dos jogos eróticos programados, o público ainda se encontrava ligeiramente comedido. As últimas horas da noite deram lugar às primeiras horas da madrugada e o aumento do número de pessoas na masmorra era o primeiro sinal do que estava prestes a começar. Lola Stein Hot subiu ao palco da masmorra, e começou a dar os avisos paroquiais. No ínterim, Dom Rabbit e seu amigo Preto Fetichista subiram ao palco e

começaram a preparar algumas cordas e *floggers* a serem utilizados na cena.

- Vai rolar a cena entre Dom Rabbit e Preto Fetichista - Lola anunciou com um megafone ao grupo de pessoas se aglomerando em frente ao palco - vai ser uma cena interativa com o público.

Uma quantidade elevada de mulheres se aglomerou em frente ao palco, disputando a melhor posição para observar. As interações entre Dom Rabbit e Preto Fetichista são um momento em particular no imaginário dos frequentadores mais assíduos do Dominatrix. Existe uma *fanfic* a correr pelas redes sociais que deseja com todas as forças ver os dois como um casal. Eles, obviamente, brincam com essa expectativa para incendiar os ânimos da galera.

Lola senta debaixo de uma maca, posicionada na lateral do palco que às vezes é utilizada em algumas cenas, mas naquela ocasião estava servindo como mesa. Sentada, parcialmente escondida, o seu campo de visão fica estrategicamente posicionado na direção das bundas que iriam subir no palco.

- Vocês estão preparados? - perguntou Dom Rabbit

- Acho que não - brincou Preto Fetichista, o homem negro de bigode magro, se posicionou em frente ao palco, sem camisa e mostrando o corpo magro e bem definido.

Especialista em performances eróticas com fogo, Preto é um artista e mostrou isso, junto com Dom Rabbit, ao arrancar do público gritos histéricos, como se pedissem 'quero mais'. Ambos iniciam uma dança erótica, onde trocam carícias, passando as mãos de forma provocativa um pelo corpo do outro. Os rostos ficam colados, a língua para fora, o famigerado beijo quase acontece. Quase, mas não acontece. Eles dirigem um olhar safado ao público e continuam o jogo. A intenção é jogar entre si, mas também brincar com a expectativa do público. Ver os

dois homens bonitos, naquela dança erótica, expõe o frenesi comedido das pessoas e a masmorra do Dominatrix pega fogo.

O quase permanece sempre no quase, e assim que os ânimos estão mais inflamados, prestes a incendiar, os dois alteram o rumo do jogo e chamam o público para participar. Eles preparam as cordas, os *floggers*, brincam, testando os objetos entre eles, mas direcionam o desejo ao público. A ideia é dar às pessoas a oportunidade de se submeter a ambos, algo que depois daquele jogo erótico, muita gente se dispõe de forma solícita.

- Quem aqui quer apanhar na bunda.

- Calma, calma.

Primeiro, eles escolhem duas mulheres e as colocam com as mãos apoiadas na maca e bundas empinadas. Elas abaixam o vestido e ficam de calcinha, revelando a majestosidade das bundas. Antes de iniciar, Preto Fetichista se aproxima e conversa com elas, de forma discreta.

- Você já experimentou? Não? Eu vou bem devagar, a palavra de segurança é amarelo.

A partir daí o show começa. E tudo quanto é tipo de bunda é colocado para levar uma bela surra. Mostrando técnica, ambos se revezam no *spanking*, deixando a pele marcada de vermelho nos locais onde o *flogger* acerta. Um acerta aqui, outro acerta ali. O movimento segue síncrono, e as batidas ecoam pelas paredes da masmorra de forma ritmada. O resto das pessoas também participa, contando junto com eles.

- Um. Dois. Três. Quatro. Cinco - a bunda treme, a cada golpe, e uma delas balança as pernas em leve desespero, tentando enganar a dor - Seis. Sete. Oito. Nove. Dez.

A situação se repete com várias pessoas, a cada rodada, mais e mais gente quer subir no palco, homens e mulheres. Em certo

momento, Dom Rabbit pega as cordas e leva uma das mulheres ao 'x' de madeira vermelho; ali, ele começa a atá-la, expondo seus seios em um jogo de submissão que se reserva a ambos. Enquanto o *flogger* estala nas bundas, Dom Rabbit se diverte com o Shibari.

Não importava se você era experiente, ou não, qualquer um podia participar. Com quatro pessoas de quatro, posicionadas no chão, os glúteos apontados em direção ao público, Preto Fetichista distribui pequenas doses de amor sádico para o deleite de quem assiste. De um dos lados, uma mulher pede para bater com mais força; do outro, alguém se segura para aguentar até o final.

O momento contagia as pessoas, e ao meu lado, uma jovem mulher se digladiava com o desejo de subir ao palco e ter sua primeira experiência com o *spanking*, mas é segurada por algumas doses de vergonha. No final da noite - muitas horas após as cenas do dia - ela se renderia aos desejos e teria as mãos amarradas em uma das argolas da masmorra. Urrando gemidos de dor e prazer, ela vence a inibição e se permite viver aquela nova experiência. A presença de dor como algo erótico é algo, de certa forma, difundido através da sociedade, na forma dos famosos tapinhas na bunda durante o coito. Mas além de ser uma simples expressão de 'safadeza', a dor é um componente amplamente estudado como fonte de prazer³¹. O corpo reage aos estímulos dolorosos de forma muito dinâmica, dependendo do estímulo, o cérebro libera grandes quantidades de endorfinas, adrenalina e até mesmo anandamida, um neurotransmissor endógeno que coloca o corpo em um estado de torpor e pode gerar forte sensação de êxtase e prazer, associado aos outros hormônios.

³¹ Evidências científicas coletadas através de ressonância magnética revelam que estímulos de áreas erógenas também ativam as regiões do cérebro relacionadas à dor (KOMISARUK, 2011). Estímulos dolorosos podem ser considerados benignos e estimular a produção de endorfinas, adrenalina e anandamida (GORVETT, 2015).

As bundas sobem ao palco, e saem vermelhas, doloridas, e os donos das bundas satisfeitos com a experiência. A masmorra é tomada por uma longa euforia, e por todos os cantos as pessoas começam a interagir entre si, de forma mais ativa. Apesar disso, a estrela da noite, ou melhor, a bunda da noite ainda estava para subir ao palco.

Cerca de meia hora depois, Bia Violet subiria ao palco, e hipnotizaria a todos com sua bunda a espirrar sangue.

Naquela hora, ela portava um véu de noiva, priorizando a caracterização do seu personagem. Lola também havia abandonado a bota de cano longo e vestido um *all-star* branco. As duas se preparam e começam a organizar os materiais a serem utilizados na performance. A dinâmica do relacionamento de ambas é uma D/s, com Lola como dominadora e Bia Violet na posição submissa. Já Dom Rabbit também é dominador, e talvez isso cause certa confusão em quem olha de fora, mas como Lola explica:

- Eu escolho me submeter ao Dom Rabbit.

Esse é o diferencial da relação, apesar de se divertir com seu sadismo, Lola utiliza a liberdade do seu corpo para se submeter a quem ela escolheu. Ao contrário do que se imagina, e muito é repercutido pelo entretenimento, filmes, livros como *50 tons de cinza*, e postagens no Instagram, quem define os limites do jogo erótico é o submisso. Não é o *Dom* ou a *Domme* quem impõe, e, sim, o submisso, aquele que nas entrelinhas dos acordos estabelecidos escolhe ceder o poder a alguém. Como apontado por Foucault, nossa sociedade, no geral, apresenta uma certa adoração à figura de dominação, principalmente em relações sexuais heteronormativas, onde o dominador é superior e o

dominado/submisso o inferior³². Essa dinâmica de validação abusiva não funciona dentro do meio fetichista, pois mesmo que você seja um escravo, servo, uma cadela, o acordo São, Seguro e Consensual é estabelecido em uma dinâmica de igualdade, onde a vontade do submisso - mesmo que este esteja amordaçado e apanhando loucamente - jamais é colocada de lado.

Bia Violet sobe ao palco, assim como Dom Rabbit, porém, diferente dele, está um pouco nervosa. A origem do nervosismo não é da prática fetichista por vir, mas sim de ter de subir ao palco e se dirigir aos outros. Segundo ela, é a primeira vez que expõe sua voz e isso gera um pouco de ansiedade.

- Bem-vindos ao Lolatrix! Eu sou Bia Violet e quero agradecer a presença de todos em nome da Lola, que preparou tudo com muito carinho para vocês. Eu quero pedir para vocês abrirem um espaço... Isso. Que agora a Lola vai trazer uma cena muito especial para vocês.

Um caminho se abre no meio da masmorra e Lola Stein Hot caminha na direção do palco. Traz consigo uma mobília, que caminha ao seu lado, solicita. A mesa vai de quatro, de lingerie preta e acompanha os passos da dona. As pessoas observam Lola levar até o palco a mobília humana e colocar sobre suas costas os objetos a serem utilizados na cena. A mesa fica paradinha, durante toda a duração da cena. Costas firmes, mãos e joelhos no chão e cabeça baixa. Lola coloca sobre a mesa cordas, um vibrador pequeno, *floggers* com tiras de couro e também um objeto metálico difícil de identificar.

A interação entre as duas começa de uma forma muito diferente. Lola traz Bia Violet até o centro do palco e imediatamente começa a amarrar seu corpo. As duas se comunicam através de pequenos olhares

³² No livro *História da sexualidade*, Foucault aponta como essa percepção é construída através de relações sociais e políticas, com o intuito de manutenção de certos grupos no poder (FOUCAULT, 2019). O BDSM, no geral, busca quebrar com tais estruturas.

e sem falar nada, Lola conduz a cena. O interessante entre as duas - como Bia explicou posteriormente - é que não há uma combinação prévia, exata e 100% detalhada sobre a progressão do jogo. Existem limites, regras e quais materiais serão utilizados. O andamento do processo fica por conta de Lola e seu prazer sádico. É somente através dos olhares que a *Domme* percebe o quão intenso pode ser o jogo entre as duas. Para isso, é necessário muita intimidade e confiança de ambas as partes.

Ela passa as cordas e amarra os braços de Bia Violet por cima da cabeça. Ela tira sua roupa, expõe seus peitos e a deixa completamente nua no palco. Com movimentos rápidos cruza a corda entre os seios, comprimindo-os e completa a amarração com um firme nó nas costas. Bia fica completamente exposta, perante o restante das pessoas. Os seios amarrados, pressionados pelas cordas e a genitália depilada para todos verem. Indefesa, sem conseguir movimentar os braços, ela se entrega aos cuidados de Lola.

Sem perder tempo, o *flogger* começa a estalar com força nos seios de Bia Violet. Ela move o tronco, aguentando a dor e os seus seios comprimidos pelas cordas pulam junto, ficando mais roxos a cada golpe. Lola se diverte, mas permanece estóica, compenetrada, focada no que fazia. Se antes todo mundo gritava, querendo apanhar na bunda; agora, as pessoas prendiam a respiração, observando admiradas. As mamas de Bia ficam completamente roxas, desde as aréolas até a base dos seios. Enquanto Lola admira o corpo da sua namorada, ela a vira de costas e expõe a bunda dela na direção das pessoas.

Lola pega o objeto metálico em mãos e faz um pedido:

- Quero chamar minha amiga até aqui ao palco, porque hoje é o aniversário dela - as pessoas se olham meio confusas, sem entender muito bem a lógica do que estava acontecendo - eu vou dedicar cada

batida na bunda da Bia - Lola gesticula com o objeto metálico no ar - a quantidade de anos que ela está fazendo.

Outra mulher sobe ao palco, tímida, e se coloca à direita, bem escondida sem querer aparecer muito. As duas conversam por algum tempo, enquanto Bia Violet aguarda paciente, e a mesa humana permanece imóvel. Durante esse tempo, expressões de surpresa começaram a percorrer a masmorra, pois o tal objeto metálico nas mãos de Lola é um ralador de queijo de quatro faces, desses mais comuns de encontrar na cozinha.

E a aniversariante está fazendo 36 anos.

Cada face do ralador possui uma função específica, apesar da maioria das pessoas não saber quais são. Naquela ocasião, todos os lados atingem o mesmo objetivo: causar dor. Lola se posiciona ao lado de Bia, levanta a mão bem alto e com bastante força, desfere o primeiro golpe na nádega esquerda.

- UM! - As pessoas contam em uníssono.

- DOIS! - Vem o segundo golpe na nádega direita.

Imediatamente, pequenas gotículas de sangue se formam na bunda de Bia Violet. Tremendo as pernas e balançando a raba, ela se prepara para o que está por vir. Apesar de já estar sangrando levemente, ainda faltam 34 batidas, 12 de cada lado.

Você já parou para entender o que é uma bunda? Aqui não me refiro ao objeto de desejo no imaginário das pessoas, mas sim a parte do corpo, sua estrutura e funcionamento. A bunda não é dois músculos glúteos, um de cada lado, alguns mais gordinhos, outros nem tanto, todos gostosos de apertar. Na realidade, a bunda é constituída de três músculos glúteos, de cada lado. O Glúteo máximo, o médio e o mínimo. O máximo, como o nome já diz, é a estrutura maior, aquela que a gente apalpa e bota para rebolar na balada, mas sua função anatômica

principal é a extensão do quadril. Já os outros dois, são musculaturas mais internas. O glúteo médio fica na porção mais lateral do quadril, e ao contrário do que as pessoas pensam, sua tonificação altera completamente o formato da bunda. Quer um visual uniforme e mais redondinho, é preciso treinar o glúteo médio.

Além da parte estética, ambos os glúteos médios agem na abdução do quadril e rotação medial. Porém, a ação chave do músculo acontece durante a caminhada, pois durante o movimento dos pés, alguém precisa estabilizar o quadril quando a sola do pé avança. Sem essa ação, a gravidade faria com que o nosso quadril sambasse de uma forma bizarra, e não ia parecer um desfile de moda. Já os glúteos mínimos, ficam posicionados bem abaixo dos médios e agem em conjunto com seus 'irmãos maiores' para garantir a estabilização do quadril.

Não bastasse os três glúteos, a bunda ainda esconde outras musculaturas pequenas, que cruzam o quadril do sacro e vão se inserir no fêmur. São cinco outros músculos que se inserem na porção do trocânter maior do osso, uma grande protuberância que possuímos no fêmur e agem como uma amarra. Quando contraídos, puxam o trocânter e realizam a rotação lateral de quadril, fazendo com que o pé aponte para o lado de fora. São eles: o piriforme, gêmeo superior, obturador interno, gêmeo inferior e quadrado femoral, nessa ordem, de cima para baixo. E para o desespero dos alunos de anatomia, o gêmeo superior e inferior não estão juntos, como é de se esperar, e sim separados por outro músculo.

Toda essa estrutura complexa faz jus à comoção que essa parte do corpo causa na imaginação das pessoas. No caso de Bia, tudo isso é ainda mais verdadeiro. Pois, sua bela bunda, hipnotizou todo mundo no segundo andar do Dominatrix.

- TRÊS!
- QUATRO!
- CINCO!
- SEIS!
- SETE!
- OITO!

Nesse ponto da cena, pequenos buraquinhos começam a se formar e ao invés do sangue escorrer profusamente, ele espirra a cada impacto.

- NOVE!
- DEZ!
- ONZE!
- DOZE!

O sangue atravessa por entre os buracos do ralador, e enquanto a contagem aumenta o sangue se transforma em névoa. É como se as gotículas de sangue, escorrendo pelas feridas da bunda, fossem estouradas no novo golpe e formassem uma transitória nuvem de sangue que logo se desfazia no ar. A situação inesperada faz Lola arregalar os olhos, surpresa, ao ver o sangue espirrar pela bunda da sua namorada, se divertindo com aquilo, ela não desacelera o ritmo.

- TREZE!
- QUATORZE!
- Quinze.
- Dezesseis.
- Dezessete.
- Dezoito.

As vozes acompanhando a contagem abaixam o tom, algumas pessoas param de contar e ficam com os olhos vidrados; alguns surpresos, alguns assustados, todos quase sem conseguir piscar. A

bunda de Bia Violet dança de um lado para o outro, cada vez mais machucada, mas a contagem não desacelera.

- dezenove.

- vinte.

- vinte e um.

- vinte e dois.

A aniversariante contrai os ombros a cada novo golpe, a expressão do rosto parece desejar ser uns dez anos mais nova.

- vinte e três.

- vinte e quatro.

- vinte e cinco;

- vinte e seis.

O *all-star* branco da Lolla fica manchado de sangue, o vermelho adiciona um estilo macabro ao tênis.

- vinte e sete.

- vinte e oito.

- vinte e nove.

- trinta.

Quase ninguém acompanha mais a contagem, eles apenas observam embasbacados, o sangue espirrando para todos os lados. Lola não desacelera o ritmo e Bia Violet continua com a bunda empinada, pronta para receber os golpes finais.

- trinta e um.

- trinta e dois.

- trinta e três.

- trinta e quatro.

Nem mesmo o ralador de queijo sai intacto da cena. Como um atestado da força utilizada, um dos lados do objeto chegou a afundar.

- trinta e cinco.

- trinta...e....seis!

Pronto. Com o fim da contagem, muita gente respirou fundo, alguns aliviados; todos surpresos. Lola agradece a presença da aniversariante, e antes que alguém pensasse que a cena terminou, ela começa a enrolar Bia Violet com plástico PVC. Primeiro solta as mãos e as prende na lateral do corpo, coloca o vibrador dentro da sua genitália, envolve o restante do corpo com o plástico e a boca e os tornozelos, ela prende com fita isolante. A intenção do vibrador não era causar um orgasmo forçado, mas sim causar prazer e expandir a tolerância à dor. Como o corpo já se encontra no limite, o pequeno agrado é bem-vindo. Completamente empacotada, Bia é colocada deitada de costas no chão.

Como o Bar não apresenta um bom sistema de refrigeração, dependendo de um mísero ventilador - que não faz diferença alguma - Bia começa a suar profusamente, enquanto Lola brinca com sua namorada, os movimentos totalmente restritos. Preocupada com o calor excessivo, esse momento da cena não se prolonga de forma demasiada e, logo, ela corta o celofane com uma faca e, com os devidos cuidados, libera Bia do *Bondage*.

Com o fim da apresentação, as duas se abraçam e arrancam fortes aplausos dos presentes. Antes de descer, Lola realiza a assepsia dos machucados, evitando riscos de infecção. Elas descem do palco e o Lolatrix segue a todo vapor.

- Namore com alguém que carrega seu DNA por aí - comentou Bia, se referindo ao *all-star* sujo de sangue.

Pode parecer estranho, mas ela me contou posteriormente que apesar do ralador de queijo assustar mais, o *flogger* com fitas de couro nos seios foi muito mais dolorido. Além disso, a recuperação das mamas também foi mais demorada. Na semana seguinte, postou fotos no seu perfil do Instagram e revelou aos seguidores como estava a

recuperação. A bunda estava quase sarada, apenas com alguns roxos suaves e pontos vermelhos distribuídos pela pele, onde ocorreram os cortes. Já as mamas continuavam bem roxas, com tons esverdeados saindo da porção exterior e ficando num tom de roxo quase púrpura, próximo a aréola e mamilos.

Antes do Lolatrix encerrar, tive a oportunidade de conhecer Bia Violet e, além de ficar hipnotizado com sua bunda ensanguentada, ela me hipnotizou com sua eloquência. A jovem de 23 anos carrega consigo um ar calmo e transmite tranquilidade às pessoas ao redor. Consciente de suas escolhas, ela tem os pés no chão e as palavras certas.

- Falo super abertamente sobre as coisas que acontecem na minha vida. É importante a gente sempre prezar pelo consensual.

A nossa conversa foi pontuada por barulhos de tapas e gemidos, de fetichistas empolgados com as cenas, interagindo entre si. Sobre a relação que mantém com a Lola, Bia explica que as duas se comunicam de forma fluída, através dos olhares e que a conexão entre as duas foi imediata.

- Nossa primeira cena juntas foi de Páscoa, em abril. Era um evento de *pet play*, tinha bastante gente de cachorro, gatinha, vaquinha. Na cena teve mumificação com o plástico, de presente, e no final teve uma cena interativa onde ela escreveu 'Feliz Páscoa' em mim com chocolate e convidou as pessoas para lamberem meu corpinho.

Bia é desinibida e afirma não ter problema algum em expor seu corpo nu perante as outras pessoas. Ela afirma ter sido extremamente divertido ter seu corpo lambido por diversas línguas.

- Depois começamos a nos aproximar cada vez mais, para chegar nesse nível de confiança que as pessoas viram hoje.

Em relação à dor e ao prazer, ela explica experimentar um misto de sensações. Existe um contexto dentro das relações entre as duas,

onde dor e prazer se misturam, mas também existem de forma separada.

- Pra mim, dentro do contexto, ou até nas nossas relações privadas, a dor e prazer se misturam. Às vezes também acontece que eu percebo o quanto ela está se divertindo - e Bia reforça o quão sádica sua namorada é - e aquilo se torna o meu prazer dali em diante.

Ter a bunda espancada, com um ralador de queijo, na frente de inúmeras pessoas, pode ser algo extremo para muitas pessoas. Bia Violet, no entanto, aponta que nada do que aconteceu está aquém da sua busca por prazer. Como uma jovem mulher livre, consciente e dona do seu corpo, ela utiliza os seus fetiches, englobados no Bondage, Disciplina, Sadismo, Masoquismo como uma forma de buscar prazer, mais prazer e outros prazeres. Para atingir isso, o diálogo é o fator principal. Tanto faz se é um ralador de queijo ou a palma da mão, somente o diálogo e o acordo podem garantir uma experiência saudável e positiva.

Assim, durante apresentação, Bia Violet revelou suas vontades e também sua força, pois como citado no início, o importante é o desejo do dono da bunda. Como em qualquer outro fetiche, o BDSM é um jogo erótico na busca por outras formas de prazer, onde os fetichistas, através de seus corpos e dos papéis interpretados, conhecem mais de si mesmos, e podem levar os resultados dos momentos vividos 'ao demais aspectos de suas vidas. Bia Violet garante estar em fase de experimentação ao lado de Lola, e a raba ferida é um sinônimo de prazer.

Os cuidados com o corpo e a mente continuam no pós-festa. Após a grande liberação de endorfinas e adrenalina, em ambas, o Lolatrix avança pela madrugada, até quase as primeiras horas da manhã. Enquanto Dom Rabbit vai dormir, Lola Stein Hot e Bia Violet tomam um

longo banho juntas. Ali, Lola aproveita para acolher sua namorada em seus braços e lavar seu corpo com cuidado, ensaboando os seios arroxeados e também os glúteos repletos de pequenos cortes avermelhados. As duas se abraçam e reforçam sua ligação através do cuidado. Na cabeça de Lola, as ideias para o próximo Lolatrix começam a fervilhar, Bia descansa tranquila pois sabe que irá derivar prazer do que está por vir.

Referências Citadas

50 tons de cinza ultrapassa a marca de 100 milhões de unidades vendidas. **O Globo**, 26 fev 2014. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/50-tons-de-cinza-ultrapassa-marca-de-100-milhoes-de-copias-vendidas-11727715>

BANNON, Race. **40 Years of Leather: International Mr. Leather celebrates four decades**. The Bay Area Reporter. Jun 13, 2018.

Disponível em: <https://www.ebar.com/story.php?ch=bartab&sc=leather-kink&id=261302>

BARBUDO, Dom. **DomBarbudo.com**, 2022. Disponível em:

<https://dombarbudo.com/>

BEETLEJUICE, Os Fantasmas se Divertem. Direção: Tim Burton. Produção de Geffen Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 1988.

CARLSTRÖM, Charlotta. **BDSM, becoming and the flows of desire**. Culture, Health and Sexuality; Jul, 2018.

COELHO, Filipa de Castro; BARROS, Cremilda. **The Potential of Hormonal Contraception to Influence Female Sexuality**. International Journal of Reproductive Medicine. Mar 3, 2019.

CULTIVO de juta no AM é resultado de trabalho da colônia japonesa. **G1 Globo Rural**, 12 dez. 2011. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/vida-rural/noticia/2011/12/cultivo-de-juta-na-am-e-resultado-de-trabalho-da-colonia-japonesa.html>

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Michel Foucault e as lutas políticas do presente: para além do sujeito identitário de direitos**. Artigo: Psicologia em Estudo. 26, nov. 2014.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9gxZdSVBsQNwzJz8snNZLvP/>

EASTON, Dossie; HARDY, Janet. **The New Topping Book**. 2ª ed. California: Greenery Press, 2001

FETLIFE. **FetLife é a rede social para a comunidade BDSM, fetichista e kinky**. Disponível em: www.fetlife.com

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. Paz e Terra. 2019 p. 319

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. Verve Ed 5, p. 260-277, 2004

GORVETT, Zaria. **Why pain feels good**. BBC Future - Psychology. 1. out, 2015.

HARGREAVES, Mary; DAVIS-HALL, Melanie. **Does Birth Control Affect Your Sex Drive?** The Lowdown, 2021. Disponível em: <https://thelowdown.com/blog/contraception-sex-drive>

HOMMA. Oyama Kingo Alfredo. **A Imigração Japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. Embrapa, 2016 p. 256

KALI, Princess. **Enough to make you blush: exploring erotic humiliation**. Erotication Publications. p. 197, 2015

KENDALL, Florence Peterson; MCCREARY, Elizabeth, Kendall; PROVANCE, Patricia, Geise; RODGERS, Mary, McIntyre; ROMANI, William, Anthony. **Músculos Provas e Funções**. Ed Manole, 5ª ed. p. 528, 2007.

KOMISARUK, Barry; WISE, Nan; FRANGOS, Eleni; LIU, Weng-ching; ALLEN, Kachina; BRODY, Stuart. **Woman's clitoris, vagina and cervix mapped on the sensory cortex: fMRI evidence**. Journal, Sex Med. p. 2822-2830, 2011.

MAG Forum. **Mag Forum: London Life Magazine Covers**. Disponível em: <http://www.magforum.com/londonlifeindex.htm>

MEYER, David. **AI is now Youtube's biggest weapon against the spread of offensive videos**. FORTUNE. 24 abr, 2018. Disponível em: <https://fortune.com/2018/04/24/youtube-machine-learning-content-removal/>

MOSER, Charles. **Paraphilias and the ICD-11: Progress but still logically inconsistent**. Artigo, Archives of Sexual Behaviour. Jan 2018.

MORROCHI. **The Best of Bizarre: a John Willie Magazine - 1946 - 1956**. Glittering Images, 1994.

NAWAKARI, Shin. **Essence of Shibari: Kinbaku and Japanese Rope Bondage**. Mystic Production Press, 2017 p. 178

NAWA, Zetsu. **Aibunawa and Semenawa: pleasure and endurance**. Kinbaku Today, artigo. 2016. Disponível em: <https://www.kinbakutoday.com/aibunawa-and-semenawa-pleasure-and-endurance/>

NOLASCO, Daniel. **Mr. Leather**. Documentário, Brasil. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 Application Programming Interface (API). Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://icd.who.int/icdapi/>

PORNHUB. **BDSM Insights**. 24, Jul, 2020. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/bdsm>

PORNHUB. **2021 Year in Review**. 14, dez, 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021>

RÉAGE, Pauline. **História de Ó**. LeBooks Editora, 177 p. 2019.

SADE, Marques de. **120 Dias de Sodoma: ou a escola da libertinagem.** Publicado originalmente em 1785. Penguin-companhia, 510 p. 2018.

SPANGLER, Todd. **OnlyFans creators earned US\$ 3.9 billion in 2021, swelling 115% Year Over Year.** Variety, sep 2022. Disponível em: <https://variety.com/2022/digital/news/onlyfans-financials-earnings-creators-1235357264/>

STEIN, Murray. **Jung O Mapa da Alma.** Editora Cultrix, p. 2012, 2006.

VATSYAYANA. **Kama Sutra.** ed Tordesilhas, 96 p. 1 fev, 2011.

WEISS, Margot. **Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality.** Duke University Press Books, 366 p. 2011

WISMEIJER, Andreas. ASSEN, Marcel van. **Psychological Characteristics of BDSM Practitioners.** The Journal of Sexual Medicine, 2013.

WHO, World Health Organization. **Brazil: WHO Coronavirus Disease Dashboard.** Acesso em 08 nov 2022. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>